

OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2024

o

NÚMERO 63



DONA FULÔ
E OUTRAS JOIAS NEGRAS

EDITORIAL

“ECONOMIA DA LIBERDADE”

Mais do que uma exposição, um mergulho na força e na inteligência de mulheres negras que desenvolveram a “economia da liberdade” em pleno Brasil Colonial. Essa pode ser considerada a síntese da mostra *Dona Fulô e outras Joias Negras*, matéria de capa desta edição, que será inaugurada dia 7 no MAC de Salvador.

A exposição, que se completa com o lançamento de uma publicação em dois volumes sobre a origem de uma rara coleção de *Joias de Crioula*, adquirida pelo antiquário e colecionador Itamar Musse, traz à tona fatos mantidos em silêncio por longos anos, através da história de Florinda Anna do Nascimento, a Dona Fulô.

Junto com as belíssimas jóias e vestimentas que pertenceram à Dona Fulô, a mostra revela a magnífica prática transgressiva implementada pelas escravas alforriadas, que por vários caminhos evocavam sua história ancestral africana, e também a herança da cultura afrodiaspórica nas obras de artistas negros contemporâneos.

PAÇO IMPERIAL

Duas outras exposições destacadas na revista são *Entre Nós* e *Iluminações Poéticas*, ambas no Paço Imperial, Rio de Janeiro, a partir do dia 13.

Entre Nós é uma coletiva com mais de 200 trabalhos de 20 artistas comissionados pela Bolsa ZUM/IMS. Em fotografia, vídeo e instalação, as obras propõem reflexões sobre temas como ancestralidade, fluxos migratórios e os desafios ambientais.

Iluminações Poéticas é a primeira coletiva itinerante de arte contemporânea saudita no Brasil. Obras de 17 artistas traduzem a história da Arábia Saudita tecida em termos artísticos e enriquecida pelas questões do presente.

Boa leitura!

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Teatro do Incêndio mergulha no mito para ritualizar a dor em nova montagem | “*Gabriela, O Musical*” | “*Verme*”, espetáculo ficcional de Luiz Campos, revela as experiências que o autor viveu no meio militar | Coletiva N’kinpa estreia espetáculo performático inspirado nas culturas afrodiaspóricas | “*Ray – Você não me conhece*” – A vida e o legado de Ray Charles estreia em São Paulo no Teatro B32 | *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em apresentações gratuitas em São Paulo

14

MATÉRIA DE CAPA: Dona Fulô e Outras Joias Negras

21

Exposição “*Entre Nós*” chega ao Paço Imperial, RJ, com obras de 20 artistas e coletivos comissionadas pela Bolsa ZUM/IMS

31

“*Iluminações Poéticas*” no Paço Imperial, Rio de Janeiro

36

Zanele Muholi na Tate Modern, em Londres

42

“*Encruzilhadas da Arte Brasileira*” no CCBB Rio

44

“*Os ventos do norte não movem moinhos*”

47

Pinakothek Cultural, Rio de Janeiro, recebe Flavio-Shiró e Ana Holck

56

“*Visconti e Renoir: Impressionismo – 150 anos*” na Danielian Galeria, RJ

60

Projeto Maravilha com mostra inaugural de Carlos Vergara

65

A construção da obra de Oswald de Andrade em toda a amplitude é o tema da nova Ocupação Itaú Cultural, SP

69

Cena Contemporânea 2024 – Festival Internacional de Teatro de Brasília

73

“*Somos Todos Amazônia*”



Foto: Kym Kobayashi

Teatro do Incêndio mergulha no mito para ritualizar a dor em nova montagem

Encenação inspirada no livro De Dionísio para Koré, de Marcelo Marcus Fonseca, traz versão ritual sobre o corpo. Aborda o amor descontrolado de um deus por uma mortal, gerando a morte e o renascimento por meio da constante troca de papéis entre os dois amantes

Do encontro com a obra *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*, de Hilda Hilst, o diretor Marcelo Marcus Fonseca criou 42 poemas sintéticos que contam a trajetória de Koré (Perséfone jovem), seduzida por Dionísio e transformada nele próprio para devolver-lhe a dor. Escrito em três dias, o livro busca o ponto de vista do Deus grego, despedaçado e renascido, em diálogo constante com a obra de Hilst.

O espetáculo é uma aventura pela dança e pelo ritual, estabelecendo uma relação mística com a plateia em

busca da celebração dos mistérios de Elêusis e Delfos. Fruto das reuniões para preparação da celebração dos 30 anos da companhia em 2026, a peça surgiu como um reencontro com a própria formação da companhia, a sua pele, sua introspecção ritual.

“É Teatro em sua essência de dança, mas uma dança interna, às vezes como um butô. É só um encontro, nada pretencioso, de nossos silêncios em diversas formas com as diversas formas de silêncios e segredos de quem vem assistir”, diz o diretor da montagem e do

grupo. “Mas é também uma resposta ao horror da ascensão do fascismo no Brasil por meio da glorificação do corpo, da sexualidade saudável e implacável, algo que apavora e ridiculariza esses canalhas”, completa.

O espetáculo foi produzido com colaboração de todos os envolvidos na empreitada. A coreografia é de Francisco Silva, membro do Teatro do Incêndio há 10 anos. “Fizemos um experimento com esses poemas em 2015, porém zeramos aquela primeira ideia. Os tempos são outros, e artistas diferentes trouxeram uma leitura completamente nova daquilo que se buscava lá atrás”, comenta o coreógrafo que assina sua primeira direção de movimento na Companhia. “É uma leitura política do corpo”, finaliza.

Segundo o poeta, tradutor e ensaísta Claudio Willer, que assina o prefácio do livro, o autor “é atemporal, ao expressar-se através de imagens que tanto poderiam

estar em clássicos quanto em inovadores contemporâneos”. Outro expoente da geração Beat brasileira, Roberto Bicelli, afirma: “Marcelo nos conduz pela senda nada fácil da poesia: leva-nos com ele por Eros e Thanatos, aproximando-nos da beleza convulsiva, a única em que Breton acreditava.”

SERVIÇO

De Dionísio para Koré

Até 15 de dezembro

Teatro do Incêndio

Rua Treze de Maio, 48, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2609-3730 | teatrodoincendio.producao@gmail.com

Dias/Horários: sábados, às 20h; domingos, às 19h

Ingressos: R\$ 50,00 (meia R\$ 25,00)

Vendas: Bilheteria, 1h antes das sessões. Aceita dinheiro e PIX

Duração: 55 min | Gênero: Drama poético e dança

Classificação: 16 anos



Foto: Divulgação

“GABRIELA, O MUSICAL”

Dia 8, o Sobrado da Cidade, no centro do Rio Janeiro, irá compor o cenário do show especial para arrecadar fundos para a realização do espetáculo

Com música, menu temático e atores narrando algumas histórias de Ilhéus, os organizadores prometem um mergulho na narrativa de um dos mais famosos romances de Jorge Amado, *Gabriela* (1958), livro que marca um momento de mudança na produção literária do autor. Através de

jeito livre de ser da personagem título, o romancista personifica as transformações de uma sociedade patriarcal, arcaica e autoritária, impulsionada por uma renovação cultural, política e econômica.

Para tornar viável a produção do musical, a Ceftem Produções promove o evento no Sobrado da Cidade, com ingressos a R\$ 25,00, que podem ser adquiridos antecipadamente através da chave pix gabrielaomusical@gmail.com. O “Menu Executivo Gabriela” – entrada, prato principal, sobremesa e um dos drinques que têm nomes de personagens do romance – custa R\$ 100,00 e deve ser pago no local. Os pratos serão elaborados pela chef Alice Isha.

“Gabriela, O Musical” promete ser uma homenagem à cultura brasileira, com uma trilha sonora que combina músicas originais compostas por Tony Lucchesi, com letras de João Fonseca, além de clássicos conhecidos nas vozes de artistas como Gal Costa, Maria Bethânia, Zé Ramalho e Geraldo Azevedo.

A produção está sendo realizada pelo Ceftem Produções e conta com João Fonseca e Nello Marrese na direção; Tony Lucchesi na direção musical e Bella Mac na coreografia. A adaptação é assinada por Vitor de Oliveira, dramaturgo e roteirista de programas como “Vai Que Cola”, do Multishow e novelas da TV Globo, como “O Astro” e “I Love Paraisópolis”.

No elenco estão Allan Castro, André Celant, Avner Proba, Beatriz Faria, Clarissa Chaves, Dan Mello, Fernanda Botelho, Gabiá, Igor Barros, Isabella Antunes, Isadora Gomes, Jennifer Lemos, Jhony Maia, Julio Lima, Lucas San, Luísa Gomes, Marcela Amorim, Matheus Damaso, Mathias José, Sarah Aysha, Sofia Kirk, Sônia Corrêa, Tairini e Vinícius Medeiros.

SOBRADO DA CIDADE

O restaurante Sobrado da Cidade (com área especial para eventos) ocupa um casarão de 1865, localizado no Centro Cultural do Rio de Janeiro, cercado de museus e prédios históricos, em meio a ambientes emblemáticos de sabores e memórias afetivas. E foi esse clima de histórias e lembranças que motivou a inspiração para o show especial do dia 8. Atores e organizadores garantem uma experiência sensorial pela cidade de Ilhéus dos anos 20. “Música, temperos, arte, ambientação e sonhos”, revelam.

SERVIÇO

Pré-estreia – “Gabriela, o Musical”

8 de novembro, das 12h às 17h

Restaurante Sobrado da Cidade

Rua do Rosário, 34, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Ingresso antecipado: R\$ 25,00 (pix)

Pagamento: pix.gabrielaomusical@gmail.com

Consumo: Menu Executivo Gabriela – pagamento à parte no dia do evento

VERME, espetáculo
autoficcional
de Luiz Campos, revela
as experiências
que o autor viveu
no meio militar

Foto: Arô Ribeiro



Peça da Cia. Los Puercos tem direção de Nathalia Nigro e reestrea no Teatro Paulo Eiró, SP, com ingressos gratuitos, a partir de 7 de novembro

Verme é uma criação dramatúrgica de Luiz Campos, um dos fundadores do coletivo, que leva ao palco um relato documental de autoficção, baseado em suas experiências durante os sete anos em que esteve no militarismo. O enredo expõe as agressões, os traumas e as injustiças que presenciou e sofreu, contrastando essas vivências com a pureza e a inocência de sua infância. *“Verme é uma ferida aberta, um desabafo necessário, um grito do autor que precisa ser ouvido”,* diz o autor.

O enredo desta autoficção se constrói como retalhos de memórias do autor que são alinhavados pelo jogo teatral. As passagens duras do treinamento militar, orlado não raramente pela humilhação, a brutalidade, a disciplina e a prática autoritária contrastam com o sonho do menino que alimentava a visão fantasiosa do quartel, e queria ser soldado, afinal o avô e o irmão ostentavam a alcunha de serem militares.

Os momentos lúdicos do garoto na escola, as brincadeiras com os amigos, as travessuras que quebravam a rotina da casa e da rua são respiros na encenação. As abordagens irregulares, a convivência ativa e passiva com práticas questionáveis, a autopunição imposta pela corporação e a obediência incontestes são fatos que Luiz Campos traz não apenas como forma de denúncia, mas ainda como artifício de libertação.

O autor revela que a frustração o levou a procurar uma outra paixão, o teatro, que o fez abandonar a carreira. *“Comecei a fazer faculdade de teatro enquanto ainda era soldado da PM, mas não revelava qual era a minha profissão, por vergonha”,* confessa. Durante a pandemia, em uma oficina online com o diretor, ator e dramaturgo Nelson Baskerville, surgiu o desafio de criar uma encenação de autoficção para integrar uma

mostra. *“A carreira militar era uma ferida aberta que me fazia sofrer, não só pelo que vivi, mas também pelo que me calei. No teatro, eu me senti seguro e acolhido para revelar minha história. Foi libertador, foi a forma que encontrei para me perdoar. Também é um desabafo”.*



Foto: Arô Ribeiro

Segundo a diretora Nathalia Nigro (que é a primeira mulher a assinar uma direção na Cia. Los Puercos), a encenação – concebida no formato de arena – lança mão de poucos elementos e objetos de cena para alternar os momentos de infância e de vida no quartel, como praticáveis, estruturas de ferro, fotos em painéis e tecidos. Depoimentos reais da mãe de Luiz Campos e de um ex-soldado compõem o espetáculo.

“A iluminação pontua os momentos de aconchego e de rigidez. E o trabalho corporal elucida a força e o lúdico contidos no enredo”. O figurino básico lembra um uniforme, reportando à disciplina e à obediência. *“Trabalhamos com cores básicas, o preto, o vermelho, o cinza e o verde-soldado para contar esta história, na qual a*

arte e o teatro têm papel de redenção do nosso autor/ator”, ressalta a diretora.

A produção é assinada pela Cia. Los Puercos; o elenco é composto por Eluane Fagundes, Felipe Lima, Giovanna Marcomini e Luiz Campos. A realização do espetáculo foi viabilizada por meio da 42ª Lei de Fomento ao Teatro da Cidade de São Paulo, que prevê apresentações com entradas gratuitas e sessões com intérprete de Libras e audiodescrição.

SERVIÇO

Verme

7 a 24 de novembro

Teatro Paulo Eiró

Avenida Adolfo Pinheiro, 765, Santo Amaro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 5546-0449

Dias/Horários: quinta a sábado, às 21h; domingos, às 19h

Duração: 70 minutos | *Classificação:* 16 anos

Ingressos: Gratuitos – Retirar na bilheteria 1 hora antes das apresentações



Foto: Thiago Tiggaz

Coletiva N'kinpa estreia espetáculo performático inspirado nas culturas afrodiaspóricas

N'Kinpa (Núcleo de Culturas Negras e Periféricas) estreia a montagem *Kuenda Kalunga, Kuenda Njila – É Possível Gargalhar Depois da Travessia?*. A encenação, dirigida por Joice Jane Teixeira, apresenta um espetáculo-brin-

quedo-performático e musical para todas as idades. Criada em processo colaborativo, é resultado do projeto *“Terreiros Nômades: Macamba Faz Mandinga – Saberes Afrodiaspóricos nas Corporeidades da Cena”*.



Inspirada nas culturas afrodiaspóricas, a peça envolve o público na magia da história. No centro do espaço-tempo, elementos encantados como tecido vermelho, corda de fitas, barcos com fotos e uma quartinha de fundamentos ancestrais compõem a cenografia de um lugar no qual o presente e o passado se misturam. Na linha espiralar da Kalunga, uma personagem enigmática, um caldeirão eletrônico musical transforma sons e histórias em poesia, envolvendo o público em um grande jogo no qual o que já aconteceu, muitas vezes, parece novo, e o novo tem um gostinho de história antiga.

“Preparem-se para entrar nessa roda e tentar responder: É Possível Gargalhar Depois da Travessia?”, desafiaram e brincam os atores e as atrizes da N’kinpa.

Segundo a diretora Joice Jane Teixeira, *“Kuenda Kalunga, Kuenda Njila: É Possível Gargalhar Depois da Travessia?” é uma homenagem ao povo da rua – Exus e Mpambu Njila: saberes e filosofias ancestrais que nos*

deram e nos dão as rotas de Vida nesse sistema de morte em que o povo negro vive, e foi largado em sua própria sorte”.

Trazendo as simbologias das ciências espirituais de matrizes afrodiaspóricas, o brinquedo-espetáculo pontua o racismo existente no país. *“Mas também, e sobretudo, traz as “rotas” e as “dádivas” que nos fizeram chegar até aqui para a continuidade do girar da roda... da Dikenga... da espiral do tempo-vida, pois, por mais que tentem nos apagar e nos aniquilar, sempre renascemos nas rodas de capoeiras, nos jongos ou nos candombles. Sempre renascemos em qualquer batida de tambor”*, afirma a Coletiva N’kinpa.

O espetáculo foi concebido durante um ano de pesquisa e compartilhamento dos estudos cênicos e musicais da Coletiva com o corpo discente e docente e com a comunidade de duas escolas públicas municipais da cidade de São Paulo: EMEF Ana Maria Benetti e EMEI Cruz e Sousa. O processo criativo é parte conclusiva do projeto *Terreiros Nômades: Macamba Faz Mandinga – Saberes Afrodiaspóricos nas Corporeidades da Cena*, contemplado pela 41ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

SERVIÇO

Kuenda Kalunga, Kuenda Njila - É Possível Gargalhar

Depois da Travessia?

5 a 26 de novembro

Duração: 80 min | *Classificação:* Livre

Gênero: Musical Negro – Performance poética

Sessões abertas

06/11 – Quarta, às 14h

Centro POP de Formação e Capacitação
Rua Maria Borba, 15, Consolação, São Paulo / SP
Gratuito – Senhas no local, 1h antes da sessão

13/11 – Quarta, às 20h

UNA – Unidade de Acolhimento
R. General Carneiro, 175, Parque Dom Pedro II, Centro Histórico de SP, São Paulo / SP
Gratuito – Senhas no local, 1h antes da sessão



Foto: Ale Catan

RAY – VOCÊ NÃO ME CONHECE

A vida e o legado de Ray Charles estreia em São Paulo no Teatro B32

*Inspirado no livro homônimo
de Ray Charles Júnior, o espetáculo
é uma homenagem ao artista norte-americano
que ajudou a redefinir os rumos da música
ao integrar R&B, soul, jazz e gospel.
A montagem pretende mostrar uma visão
íntima da vida de Ray Charles
sob o olhar de seu filho primogênito*

Parte da trajetória de Ray Charles (1930-2004), deficiente visual, negro, artista e ativista, é contada neste espetáculo idealizado por Felipe Heráclito Lima, com texto e direção de Rodrigo Portella. No elenco estão César Mello, Sidney Santiago Kuanza, Abrahão Costa, Luiz Otávio, Flávio Bauraqui, Leticia Soares, Luci Salutes, Lu Vieira, Roberta Ribeiro, e as crianças Caio Santos e Victor Moraes. Com direção musical de Claudia Elizeu e André Muato, a montagem traz uma banda ao vivo. A produção é assinada pela Tema Eventos Culturais e Sevenx.

Baseada no livro homônimo de Ray Charles Júnior, a peça musicada mergulha na vida e obra do músico Ray Charles, explorando não apenas os desafios e as conquistas de sua carreira, mas – sobretudo – a complexa relação entre pai e filho. O diretor e dramaturgo Rodrigo Portella explica sua visão sobre a obra como um acerto de contas entre ambos.

“O livro é a tentativa de resgate da memória do pai a partir de uma lembrança profundamente pessoal.

Então, me deparei com um filho apaixonado, mas que também vivia uma relação de grande distanciamento, apesar de carregar o mesmo nome. Ele viveu com o pai e tentou seguir o caminho da música, mas há uma diferença enorme entre eles: o pai veio de uma origem pobre e precisou lutar para chegar onde chegou; o filho aos 5 anos já era rico. A grande questão para esse menino é como corresponder às expectativas criadas sobre ele, sendo filho do grande músico”, diz Portella.

A narrativa tem início no dia seguinte ao enterro de Ray. Em casa, enquanto dorme, Ray Charles Júnior começa a se ver como criança e se depara com o fantasma do pai. *"O filho está sozinho na casa da família, em Los Angeles. Ele acorda de madrugada e começa a alucinar. Na verdade, a peça trata de um grande delírio",* explica o diretor.

O espetáculo retrata a trajetória artística de Ray Charles, desde seus primeiros passos no universo musical até sua consagração como um dos maiores ícones da música. Embora a obra tenha uma atmosfera tensa, também incorpora músicas e momentos de humor.

"A ideia desde o início era tentar o máximo de integração entre música e narrativa, de modo que o espectador percebesse o mínimo possível o limite entre uma coisa e outra. As 20 canções interpretadas na peça foram mantidas na língua original, o inglês. A participação quase que integral de um coro feminino (inspirado nas Raelettes) potencializa a relação entre música e texto” – ressalta Portella.

A dramaturgia também ressalta a luta de Ray Charles pelos direitos civis, evidenciando seu papel como uma voz ativa contra as injustiças sociais, o que contribuiu para consolidar ainda mais seu legado.

SERVIÇO

Ray – Você Não Me Conhece

De 1º de novembro até 14 de dezembro

Teatro B32

Av. Brigadeiro Faria Lima, 3732, Itaim Bibi, São Paulo /SP

Dias/Horários: sextas e sábados, às 16h e às 20h; domingos, às 17h

Classificação: 12 anos

Vendas de ingressos: <https://teatrob32.com.br/>



Foto: Ale Catan

Memórias Póstumas de Brás Cubas em apresentações gratuitas em São Paulo



Foto: Alex Silva Jr

Dirigido e adaptado por Regina Galdino, a obra homônima de Machado de Assis rendeu ao intérprete Marcos Damigo indicações aos prêmios APCA e Aplauso Brasil

O clássico de Machado de Assis, que originou o espetáculo, voltou ao centro das atenções após a influenciadora americana Courtney Henning Novak viralizar um vídeo que alcançou mais de um milhão de visualizações. Novak – que iniciou um projeto para ler livros ao redor mundo – superou todas as expectativas com a leitura de *Brás Cubas*: “*O que eu vou fazer com o resto da minha vida?*”, declarou.

Adaptado pela diretora Regina Galdino, o texto destaca a trajetória do anti-herói Brás Cubas, símbolo do ho-

mem burguês, sem escrúpulos e sem ética, que nos revela a continuidade de um comportamento oportunista que persiste no Brasil, desde o século XIX.

Brás Cubas, o “defunto autor”, se assume como tendo sido um aristocrata medíocre em vida, mas mesmo assim consegue, através do riso e da sedução, conquistar a empatia do público. Ele pertence a uma elite aventureira, dividida entre o desejo liberal e a prática escravocrata. A montagem traz uma visão moderna do romance baseada na carnavalização, salientando seu as-

pecto cômico-fantástico. A encenação realiza uma “conversa” entre quatro artes: o teatro, a literatura, a dança e a música.

Em um solo vibrante, Marcos Damigo vive um Brás Cubas bem-humorado, irreverente, egoísta e amoral. Com uma narrativa não linear e fiel à obra original, o personagem dialoga com a plateia, canta, dança, discorre sobre seus envolvimento amorosos e episódios de sua vida enquanto passeia pelas agruras da sociedade de seu tempo.

“A recepção do público sempre foi ótima: uma plateia muito jovem, evidentemente interessada pela obra por causa do vestibular, misturou-se a espectadores maduros, admiradores de Machado de Assis, e foi unânime o impacto causado pelo trabalho de Damigo, ator que interpreta o imprevisível Brás Cubas, em cenas ora sérias, ora cômicas, ora fantásticas, ora musicais. Tanto na adaptação quanto na direção, minha concepção brechtiana – com destaque para os aspectos filosóficos da obra – exige do ator experiência, inteligência, despojamento e versatilidade, e Marcos Damigo está impressionante no papel do irônico defunto”, afirma Regina Galdino.

O monólogo traz à tona toda a atualidade desse livro de Machado de Assis, oferecendo ao público um olhar

agudo sobre a sociedade brasileira do século XIX. Além de Damigo, completam a equipe o diretor musical e arranjador Pedro Paulo Bogossian, e Fábio Namatame no figurino.

SERVIÇO

Memórias Póstumas de Brás Cubas

6 a 30 de novembro

Duração: 85 min | Classificação: 14 anos

Ingressos: Gratuito – Bilheteria, 1 hora antes do início das sessões

Teasers: https://youtu.be/eBWT_NO0ems |

<https://youtu.be/8ETqIhvs2RI>

6/11 – Quarta, 21h – Teatro Arthur Azevedo
Avenida Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP

13/11 – Quarta, 21h – Teatro Paulo Eiró
Avenida Adolfo Pinheiro, 765, Santo Amaro, São Paulo / SP

16/11 – Sábado, 19h – Centro Cultural Olido
Avenida São João, 473, Centro Histórico, São Paulo / SP

20/11 – Quarta (feriado), 21h – Teatro Alfredo Mesquita
Avenida Santos Dumont, 1770, Santana, São Paulo / SP

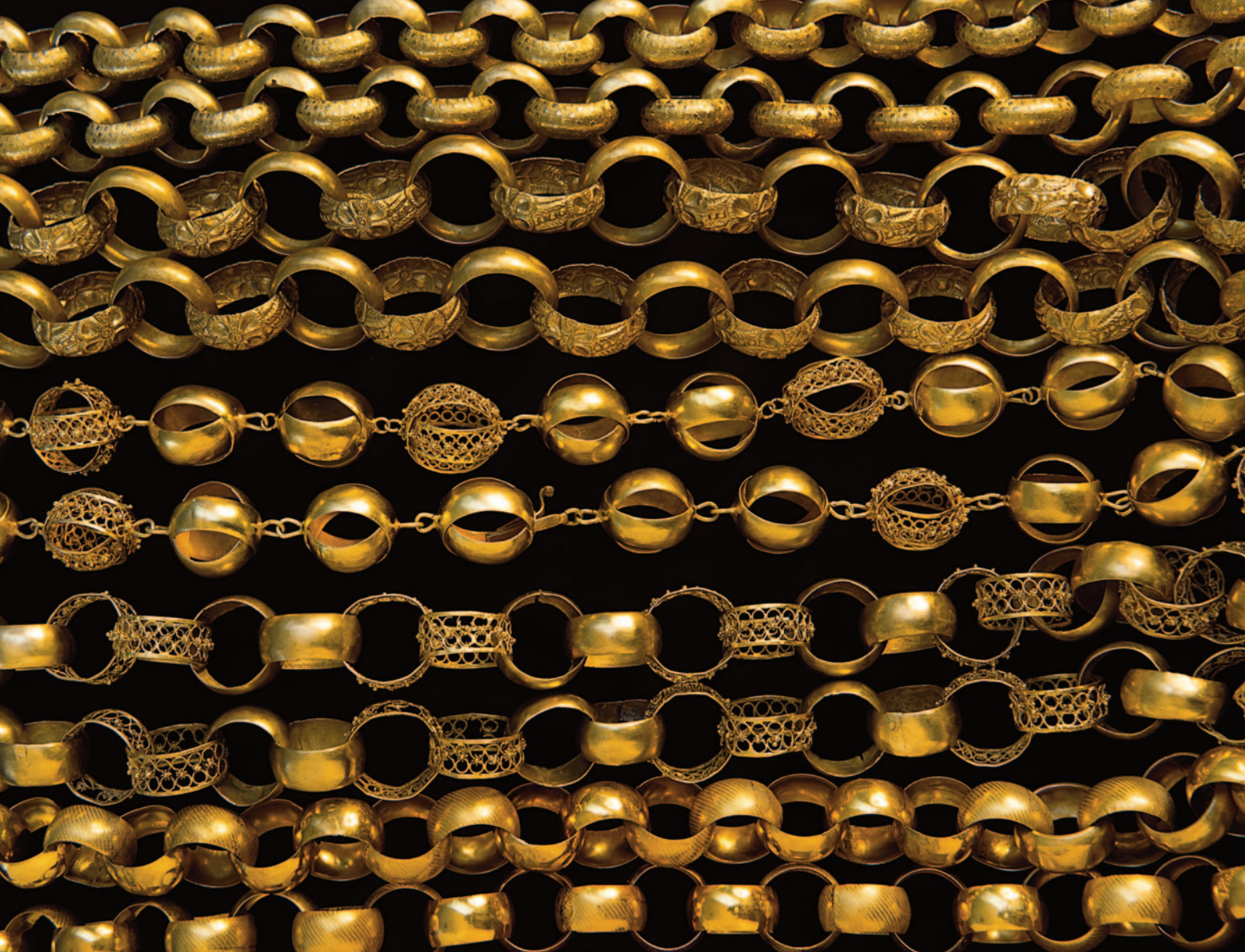
27/11 – Quarta, 21h – Teatro Cacilda Becker
Rua Tito, 295, Lapa, São Paulo / SP

30/11 – Sábado, 20h – Teatro Flávio Império
Rua Prof. Alves Pedroso, 600, Cangaíba, São Paulo / SP



Fotos: Alex Silva Jr





Joias de Crioula

Foto: Vicente de Mello

DONA FULÔ E OUTRAS JOIAS NEGRAS

Exposição realizada pelo CCBB Salvador propõe
um mergulho na força e na inteligência
de mulheres negras que desenvolveram
a “economia da liberdade” em pleno Brasil Colonial



Retrato de Dona Florinda, Salvador, S.D.,
Fotógrafo desconhecido, Acervo do Instituto
Feminino da Bahia

Uma rara coleção de joias brasileiras – conhecidas como *Joias de Crioula* – motivou a realização da exposição *Dona Fulô e Outras Joias Negras*, promovida pelo CCBB e que será exibida no Museu de Arte Contemporânea da Bahia a partir de 7 de novembro, data em que também será lançado “*Florindas*”, livro que complementa a exposição. A mostra, que teve origem no encantamento e na posterior identificação de uma fotografia onde uma mulher negra aparecia plena de joias e ricamente vestida, revela a prática implementada pelas “escravas de ganho” e mulheres libertas, que



Joias de Crioula

Fotos: Vicente de Mello

por vários caminhos evocavam sua história ancestral africana. Com altivez, orgulho e fé.

A foto era de Dona Fulô; o encantamento e a busca pela identidade da personagem, do colecionador baiano Itamar Musse. Após adquirir uma importante coleção de *Joias de Crioula*, recebeu de presente de Emanuel Araújo – artista, curador e museólogo, considerado um dos maiores expoentes da arte afro-brasileira – a foto de uma mulher negra com muitas joias, onde reconheceu imediatamente a pulseira que a mulher usava



Jóias de Crioula

Foto: Vicente de Mello

dentro de sua coleção. Resolveu, então, pesquisar a identidade da personagem e também saber mais sobre outras mulheres que possuíram preciosidades tão originais. – *“Porque essas jóias simbolizavam a manutenção de sua cultura, a preservação da sua autoestima e a sua resistência a condição de mercadoria”*.

Essa é a história que chega ao século XXI, contada nesta exposição e no livro *Florindas* que narra a trajetória dessa descoberta – que vai muito além da apresentação das jóias raras. Dividida em três núcleos, a exposição *Dona Fulô e Outras Jóias Negras* preenche os espaços expositivos do MAC com as histórias dessas mulheres que compraram sua liberdade com o trabalho nas ruas – e traz à tona fatos mantidos em silêncio por tantos anos, apresentando nomes como o de Florinda Anna do Nascimento e tantas outras mulheres pretas empreendedoras no Brasil.



Jóias de Crioula

Foto: Divulgação

A mostra refere-se ao valor simbólico da construção cultural que vem com os negros escravizados e se transforma na convivência entre diferentes matrizes no novo continente. Refere-se às mulheres que escreveram e escrevem esta história de Florinda, Quitéria, Rita, Tia Ciata, Mãe Menininha ou Mãe Senhora. Faz referência às jóias objeto da coleção e a outras jóias: a herança da cultura afrodiaspórica nas obras de artistas negros contemporâneos, além de documentos e imagens do universo que propiciou o surgimento das *Jóias de Crioula*, produzidas na clandestinidade por ourives da Bahia – não registrados “no Senado da Câmara”, muitos deles “solteiros ou pardos forros” –, sob demanda de mulheres negras alforriadas.

NÚCLEOS DA MOSTRA

Histórias Florindas

Aqui é proposto ao visitante um mergulho no Brasil dos

séculos XVIII e XIX, em especial na Bahia dos tempos de Colônia e Império, e na magnífica prática transgressiva implementada pelas escravas alforriadas, que por vários caminhos evocavam sua história ancestral africana. *Histórias Florindas* faz um sobrevoo sobre a Salvador que abriga o surgimento das *Joias de Crioulas* e os desdobramentos ao longo dos séculos até a atualidade. Em um ambiente imersivo, coloca as diferentes representações das épocas, dos artistas viajantes do século XIX aos primeiros fotógrafos que registram as mulheres, suas vestimentas e suas joias; de Pierre Verger às ganhadeiras de Itapuã. Tempos que convivem em uma mesma experiência.

Artistas:

Pierre Verger; Adenor Gondim; Lady Maria Callcott; Vik Muniz; Rosa Bunchaft; Vicente de Mello; Carlos Julião; Jean Baptiste Debret; Joseph Leon Righini; Friedrich Salathé; William Smyth; Jean Leon Palliere; Jean Baptiste Grenier.

Raras Florindas

O segundo núcleo tem como centro a coleção de *Joias de Crioula* reunida por Itamar Musse. Elas são apresentadas em contato com os tecidos e com as fotos das mulheres paramentadas. O símbolo maior é Florinda Anna do Nascimento, Dona Fulô, cujas joias com que se deixa fotografar estão todas integradas a esta coleção.

Artistas:

Pierre Verger; Adenor Gondim e Vicente de Mello.

Armas Florindas

O terceiro eixo, realizado pelas curadoras Eneida



Carlos Julião, *Coroação de uma rainha negra na Festa dos Res*



Jean-Baptiste Debret, *Negra com tatuagens vendendo cajus*, 1827, Acervo Museu Castro Maya

Sanches e Marília Panitz, apresenta um recorte da produção contemporânea de artistas brasileiros negros que emulam essa história e propõe novas transgressões poéticas. Através de esculturas, vídeos, pinturas, objetos e outras mídias, os artistas fazem numerosos desdobramentos das joias de Dona Fulô: joias-folhas, joias-marés, joias-rezas, joias-roupas. Os recursos uti-

Charlene Bicalho, *ondevcancoraseussilencios#2*

Foto: Bruno Gava

Marcela Cantuária, *Ângela Gomes, a rainha do Rosário*, detalhe, 2023

Foto: Vicente de Mello

lizados vão do uso do corpo como cofre para garantir a proteção de seus bens, ao aceno de liderança e autoridade para os desvalidos, e à espiritualidade – fundação sobre e ao redor da qual tudo se agrega e regenera.

Participam desse núcleo: Bauer Sá (BA), Charlene Bicalho (MG), Cris Tigra (MG), Eustáquio Neves (PB), Gilmar Tavares (BA), Janaina Barros e Wagner Leite (SP), Josafá Neves (DF), Lidia Lisboa (PR), Maré de Matos (SP), Moisés Patrício (SP), Nádia Taquary (BA), Paulo Nazareth (MG), Sidney Amaral (SP), Silvana Mendes (MA), Tiago Santana (BA), Hariel Revignet (GO), Antonio Obá (DF), Dalton Paula (GO) e Sonia Gomes (MG).

O LIVRO

Complementa a exposição o lançamento do livro *“Florindas”* – dividido nos volumes *“Joias na Bahia”* e *“Preciosa Florinda”* – que perpetua, em textos e imagens, a história de Florinda Anna do Nascimento e apresenta toda a coleção de joias do acervo de Itamar Musse. Organizado pelo próprio colecionador, Itamar Musse, e pelo editor Charles Cosac, o livro conta com a coordenação do historiador Eduardo Bueno e de Ana Passos. A publicação esclarece fatos capitais sobre as condições em que viviam as mulheres negras na Bahia dos séculos XIX e XX. E revela a impressionante história de Florinda Anna do Nascimento, carinhosamente chamada de Dona Fulô.



Da esquerda para a direita: Eustáquio Neves, *Arturos*; Josafá Neves; Sonia Gomes, *Sem título*, da série *Torções*, 2012
Fotos: Divulgação

FLORES NEGRAS. FLORES LINDAS

Com estes versos Gilberto Gil homenageia Florinda no poema que escreveu especialmente para o livro. A publicação, reúne textos de outros personagens, entre os quais o do artista plástico Vik Muniz, autor da obra que ilustra a capa da edição.

Ao longo de mais de 400 páginas, além de Gil e Vik Muniz, Eduardo Bueno, Giovana Xavier, Sheila de Castro Faria, Lília Moritz Schwarcz, Mary Del Priore, Thaiz Darzé, Carol Barreto e Pedro Corrêa do Lago, entre outros, adornam a memória de Florinda com sentimentos profundos, lembranças e vivências pessoais.

Dona Fulô e Outras Joias Negras é realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil em Salvador. O projeto, patrocinado pelo Banco do Brasil por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, possui apoio do Museu de Arte Contemporânea da Bahia, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural e da Secretaria Esta-

dual da Cultura. Tem concepção assinada pela 4Art Produções Culturais e conta com o acervo do IPAC – Coleção Itamar Musse.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) é uma rede de espaços culturais gerida e mantida pelo Banco do Brasil, com o objetivo de ampliar a conexão dos brasileiros com a cultura e valorizar a produção cultural nacional. A diversidade, a relevância e o ineditismo da programação do CCBB são os diferenciais que contribuem para democratizar o acesso à cultura.

Presente no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Belo Horizonte, está em avançado processo de instalação de sua nova unidade em Salvador. Na capital baiana, passa a ocupar o Palácio da Aclamação, histórico edifício do início do século passado e que, durante mais de cinquenta anos, foi residência oficial dos governadores da Bahia.

Mesmo antes de iniciar suas atividades no Palácio da Aclamação, o CCBB já realiza intervenções culturais na cidade de Salvador. Nesse contexto, promove sua segunda exposição na Bahia, em projeto que reafirma as origens e ancestralidade, suas narrativas e símbolos, a decolonização, dentre outras questões que oferecem caminhos para compreender a construção contemporânea de identidades e a contribuição da população negra na formação do Brasil.

SERVIÇO

Dona Fulô e Outras Joias Negras

De 7 de novembro a 16 de fevereiro de 2025

Museu de Arte Contemporânea – MAC BA

Rua da Graça, 284, Graça, Salvador / Bahia

Tel.: (71) 3117-6987

Dias/Horários: terça a domingo, das 10 às 20h

Abertura para o público: 7 de novembro

Lançamento do livro e conversa com o editor Charles Cosac:
16 horas

Bate papo com as curadoras Carol Barreto, Eneida Sanches e Marília Panitz: 19 horas



Série autoral de Vicente de Mello *Quando Se Está, Se É!*, Livia Santana Vaz, Promotora de Justiça, posando com as joias de Dona Fulô

FLORINDAS

Gilberto Gil, 2022

Flores negras.

Flores lindas.

Entre tantas outras vindas do suplício.

Trajadas com os trajes esfarrapados dos ancestrais ultrajados.

Filhas da agonia dos martírios.

Destinadas a sucumbirem no escuro porão do imenso sofrimento.

E, no entanto, salvas pelo clarão do sol da vida.

O milagre permanente da semente a brotar em flores redimidas.

Flores ressurgidas no jardim do tempo.

Flores resumidas no resgate da dignidade original.

*Ornadas, finalmente, em seus colos e braços,
com as joias da elevação espiritual.*

Lágrimas engastadas em anéis de ouro.

Gotas de sangue cristalizadas em rubis.

Florindas, lindas flores, seus colares.

Neste livro de fulgores exemplares!

Exposição ENTRE NÓS

chega ao Paço Imperial, RJ, com obras
de 20 artistas e coletivos comissionadas
pela Bolsa ZUM/IMS



Igi Ayedun,
*A eclosão
de um sonho,
uma fantasia*

Idealizada pelo Instituto Moreira Salles, a mostra abre no dia 13 de novembro, no Paço Imperial (RJ). A coletiva reúne trabalhos em fotografia, vídeo e instalação, entre outros suportes, que tratam de temas como ancestralidade, fluxos migratórios e os desafios ambientais

Depois de ser exibida em São Paulo – onde esteve no Edifício Copan, numa parceria com o Pivô – a mostra *Entre Nós* abre no Paço Imperial, no centro do Rio de Janeiro, no dia 13 de novembro. *Entre Nós* apresenta trabalhos de 20 artistas e coletivos produzidos entre 2013 e 2023, com apoio da Bolsa ZUM/IMS. Criada pela Revista ZUM, do Instituto Moreira Salles, a bolsa tem o objetivo de incentivar a produção artística contemporânea.

Participam da mostra: Aleta Valente, Aline Motta, Bárbara Wagner, Castiel Vitorino Brasileiro, Coletivo Garapa, Coletivo Trêma, Dias & Riedweg, Dora Longo Bahia, Eustáquio Neves, Glicéria Tupinambá, Helena Martins-Costa, Igi Ayedun, João Castilho, Letícia Ramos, Rafael Bqueer, Sofia Borges, Tatewaki Nio, Tiago Sant’Ana, Val Souza e Vijai Patchinelaam.

A curadoria é de Thyago Nogueira, coordenador da área de arte contemporânea do IMS; Daniele Queiroz, curadora do IMS; e Ângelo Manjabosco, pesquisador do IMS. As obras da exposição, muitas delas inéditas, pertencem à coleção de arte contemporânea do Instituto Moreira Salles.

São cerca de 200 trabalhos, incluindo fotografias, vídeos e instalações, entre outros suportes. As obras

tratam de temas urgentes e atuais, como os fluxos migratórios, a ancestralidade, os desafios ambientais, a restituição de patrimônio, a história da escravidão e seus efeitos no Brasil contemporâneo. Tratam ainda de questões associadas à linguagem artística e à expansão do campo da imagem.

A curadoria comenta o processo de concepção da mostra: *“Criar uma exposição com obras produzidas ao longo de dez anos é uma oportunidade para rever as utopias e distopias que atravessam a produção artística deste período tão conturbado. Reunidas, estas obras mostram a variedade, a originalidade e a potência da produção contemporânea brasileira; mostram também a lucidez dos artistas sobre o papel que desempenham na construção e reconstrução do país”*. Ainda sobre o título da coletiva, comenta: *“Entre nós remete às relações de confiança e cumplicidade que servem de base a qualquer criação artística. Aponta também aos nós e às tramas que conectam estes trabalhos, feitos em contextos e tempos tão diferentes.”*

SOBRE A BOLSA

Desde 2013, a Bolsa ZUM/IMS premia anualmente dois projetos inéditos, elaborados por artistas e coletivos brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil. O objetivo é apoiar e incentivar artistas a aprofundarem sua

produção visual, nas mais variadas vertentes, temas e suportes. Os projetos inscritos devem ser inéditos, sem restrição de tema, perfil ou suporte. As pessoas contempladas recebem uma bolsa, atualmente no valor de R\$ 80 mil, para o desenvolvimento das obras. O resultado final do projeto, ou parte dele, é incorporado à coleção de arte contemporânea do IMS.

SOBRE AS OBRAS EXIBIDAS

Avenida Brasil 24h, Aleta Valente

(Rio de Janeiro/RJ, 1986)

Contemplada com a Bolsa de 2019

Aleta Valente estreia como diretora, apresentadora e personagem, neste documentário sobre a famosa Avenida Brasil. A artista trata das relações entre o corpo e a cidade, ao longo da via expressa mais importante da cidade do Rio de Janeiro.

A água é uma máquina do tempo, Aline Motta

(Niterói, RJ, 1974)

Contemplada com a Bolsa de 2018

A carioca Aline Motta une audiovisual, fotografia e texto em um livro de artista, para tratar de relações familiares e, ao mesmo tempo, coletivas. A artista apresenta seu projeto de longa duração *A água é uma máquina do tempo*, que contou com o apoio da Bolsa ZUM/IMS, para tratar dos apagamentos e das memórias que acompanham as travessias atlânticas de pessoas e famílias negras.

Mestres de cerimônia, Bárbara Wagner

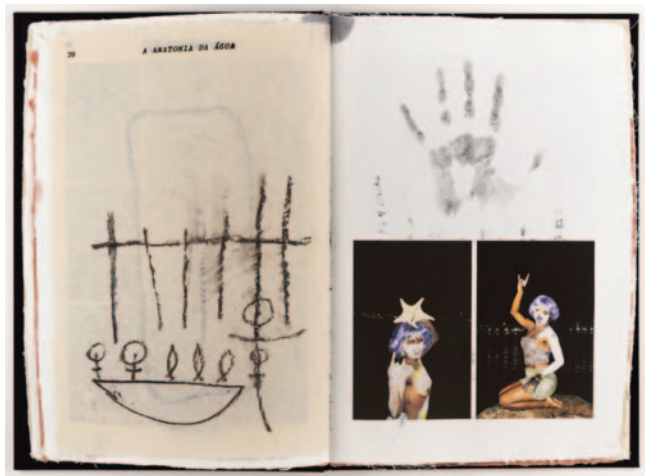
(Brasília, 1980)

Contemplada com a Bolsa de 2015



De cima para baixo: Aleta Valente, *Avenida Brasil 24h*, Aline Motta, *A água é uma máquina do tempo*, Bárbara Wagner, *Mestres de cerimônia*

Bárbara Wagner estuda manifestações populares ligadas principalmente à música e à dança. Desenvolvido em parceria com as produtoras Pro Rec e KL, a obra apresenta uma série de fotografias feitas durante as gravações de videocliques de brega-funk no Recife e de funk ostentação em São Paulo.



A anatomia da água: Livro 1, Castiel Vitorino Brasileiro

(Vitória, ES, 1996)

Contemplada com a Bolsa de 2021

Artista, escritora e psicóloga clínica, Castiel lida com conceitos da ontologia Bantu e assume a cura como um momento de liberdade, através de noções sobre espi-ritualidade e ancestralidade.

Seu livro de artista, produzido com a colaboração da artista maranhense Gê Viana, é composto de fotos, textos, desenhos e outras intervenções; narra a experiência de um corpo que se desloca não mais pela necessidade de fuga ou como resposta à violência, mas impulsionado por sinais de liberdade.



Postais para Charles Lynch, Coletivo Garapa

(São Paulo, SP, 2008)

Contemplado com a Bolsa de 2014

No livro de artista *Postais para Charles Lynch*, o Coletivo Garapa – formado pelos jornalistas e artistas visuais Leo Caobelli, Paulo Fehlauer e Rodrigo Marcondes – discute a representação visual do linchamento no Brasil contemporâneo, a partir de um episódio de violência acontecido no Rio de Janeiro em 2014.



Memento, Coletivo Trêma

(São Paulo, SP, 2013)

Contemplado com a Bolsa de 2015

Em *Memento*, o Coletivo Trêma – formado pelos fotógrafos Felipe Redondo, Gabo Morales, Leonardo Soares e Rodrigo Capote, e dedicado à fotografia documental e editorial – cria fotografias a partir de memórias dos imigrantes Dany Vásquez, da Colômbia, e Theresa Senga, de Angola, que chegaram ao Brasil e aqui vivem.

De cima para baixo: Castiel Vitorino Brasileiro, *A anatomia da água: Livro 1*, Coletivo Garapa, *Postais para Charles Lynch*, Coletivo Trêma, *Memento*

Casulo/Palco, Dias & Riedweg

(Brasil-Suíça, 1993)

Contemplado com a Bolsa de 2018

A dupla Dias & Riedweg, formada em 1993 por Maurício Dias (Brasil) e Walter Riedweg (Suíça) participou das Bienais de Veneza (1999), de São Paulo (2002) e da Documenta 12 em Kassel (2017). Há alguns anos, os artistas vêm desenvolvendo trabalhos sobre o universo psiquiátrico; é o caso da instalação audiovisual *Casulo/palco*, que registra o cotidiano de um grupo de pacientes do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, com o objetivo de tornar visível o território designado à loucura e às novas formas de clausura a que esses pacientes são submetidos durante o tratamento psiquiátrico.



Brasil x Argentina (Amazônia e Patagônia), Dora Longo Bahia

(São Paulo/SP, 1961)

Contemplada com a Bolsa de 2016

A videoinstalação *Brasil x Argentina* exibe os efeitos do aquecimento global e das políticas ambientais dos dois países, na Amazônia e na Patagônia. Questão recorrente no trabalho da artista – que é Doutora em Poéticas Visuais pela ECA/USP e tem pós-doutorado em Filosofia

pela FFLCH/USP –, a obra põe em evidência a violência na forma de degeneração ambiental, como consequência de um sistema econômico e social insustentável.



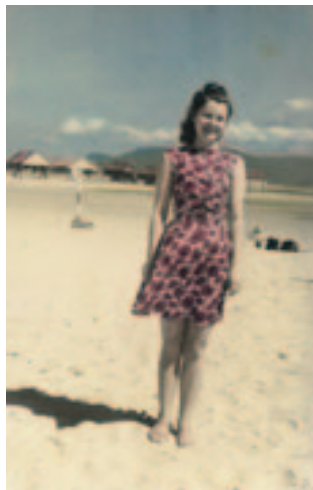
Retrato falado, Eustáquio Neves

(Juatuba/MG, 1955)

Contemplado com a Bolsa de 2019



Químico de formação e fotógrafo autodidata, Eustáquio Neves desenvolve um trabalho marcado pela manipulação e pela intervenção em negativos e cópias, que aborda a identidade e a memória de pessoas afrodescendentes no Brasil. No projeto *Retrato falado*, o artista parte de descrições de parentes, de semelhanças de família e de recursos analógicos e digitais de manipulação fotográfica para reconstruir, em objetos fotográficos, o retrato do avô que não conheceu – e de quem não existe nenhuma imagem nos álbuns da família.



***Nós somos pássaros que andam, Glicéria Tupinambá
(com Mariana Lacerda e Patrícia Cornils)***

Terra Indígena Tupinambá de Olivença/BA, 1982)
Contemplada com a Bolsa de 2022

No filme *Nós somos pássaros que andam*, a artista e professora Glicéria Tupinambá – também conhecida como Célia Tupinambá – narra sua missão de recuperar, material e culturalmente, a tradição dos mantos tupinambá. O resgate desses mantos foi realizado na Terra Indígena Tupinambá, no sul da Bahia, a partir de imagens de museus europeus, que hoje guardam os únicos exemplares disponíveis desses mantos sagrados. Graças ao trabalho da artista, a Noruega devolveu recentemente um desses mantos ao Brasil, para integrar o acervo do Museu Nacional. O filme conta com o apoio da cineasta Mariana Lacerda e da jornalista Patrícia Cornils.

Desvio, Helena Martins-Costa

(Porto Alegre/RS, 1969)
Contemplada com a Bolsa de 2014

Artista visual, bacharel em fotografia pelo Instituto de Artes da UFRGS e mestra em Poéticas Visuais pela ECA/USP, Helena Martins-Costa apresenta, em *Desvio*, fotografias de pessoas desconhecidas – resgatadas em sebos, feiras de antiguidades e coleções particulares – para identificar tipologias e questionar os sistemas ópticos dos equipamentos fotográficos.

Eclosão de um sonho, uma fantasia, Igi Ayedun

(São Paulo/SP, 1990)
Contemplada com a Bolsa de 2022

Artista autodidata, diretora e fundadora da galeria/residência HOA e do MJOURNAL, Igi Ayedun trabalha

De cima para baixo: Glicéria Tupinambá, *Nós somos pássaros que andam*, Helena Martins-Costa, *Desvio*, Igi Ayedun, *Eclosão de um sonho, uma fantasia*

com pintura, desenho, texto, vídeo, imagens em 3D, fotografia e som. Em *Eclosão de um sonho, uma fantasia*, Igi apresenta imagens criadas artificialmente por programas de Inteligência Artificial e de interpretação de impulsos cerebrais, como formas de superar o limite óptico das câmeras fotográficas ou mesmo do sistema ocular.

Zoo, João Castilho

(Belo Horizonte/MG, 1978)

Contemplado com a Bolsa de 2013

João Castilho é artista visual; trabalha com fotografia, vídeo e instalação. Recebeu o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia em 2010 e o Prêmio Conrado Wessel de Arte, em 2008. Em *Zoo*, Castilho fotografa diversos animais selvagens e silvestres em ambientes domésticos, com a intenção de “discutir as questões em torno da animalidade e abrir uma porta para a investigação do que chamei de mistério humano” – afirma.

Microfilme, Letícia Ramos

(Santo Antônio da Patrulha/RS, 1976)

Contemplada com a Bolsa de 2013

Artista e videomaker, Letícia tem como foco de investigação artística a criação de aparatos fotográficos próprios para captação e reconstrução de imagens – e para a criação de ficções com tais aparatos. No projeto *Microfilme*, a artista registra uma viagem de exploração a um local ermo, construindo evidências paleontológicas a partir de ampliações panorâmicas feitas com microfilmes e polaroides.



De cima para baixo: João Castilho, *Zoo*, Letícia Ramos, *Microfilme*, Rafael Bqueer, *Themônias*

Themônias, Rafael Bqueer

(Belém/PA, 1992)

Contemplado com a Bolsa de 2020

Graduada em Licenciatura e Bacharelado no Curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Rafael Bqueer produziu quatro curtas-metragens estrelados por integrantes do coletivo drag Themônias, formado por mais de 150 pessoas que se montam e se apresentam na cena cultural de Belém. Bqueer é uma das fundadoras do coletivo.

Teatro para o artifício, Sofia Borges

(Ribeirão Preto, SP, 1984)

Contemplada com a Bolsa de 2017

Formada em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo em 2008, Sofia Borges foi uma das fotógrafas indicadas ao Foam Paul Huf Award, em 2010 e em 2014. Publicou, em 2016, o livro *The Swamp (O pântano)*. Em *Teatro para o Artifício*, Sofia fotografa uma performance artística que utiliza fotografias, máscaras e colagens para investigar a origem do mundo e de suas representações visuais.

Na espiral do Atlântico Sul, Tatewaki Nio

(Kobe, Japão, 1971)

Contemplado com a Bolsa de 2017

Formado em Sociologia pela Universidade Sophia, em Tóquio, Nio estudou fotografia em São Paulo depois de viver por um ano em Salvador, onde descobriu o trabalho do antropólogo e fotógrafo francês Pierre Verger. A obra *Na espiral do Atlântico Sul* retoma o tema do fluxo e do refluxo de populações africanas entre os dois continentes – em busca de traços da presença de escravizados libertos retornados do Brasil, no estilo de arquitetura. E também ao promover reencontros imaginários entre imigrantes e refugiados nigerianos que vivem em São Paulo e suas famílias, em diversas cidades da Nigéria.

Chão de estrelas, Tiago Sant’Ana

(Santo Antônio de Jesus/BA, 1990)

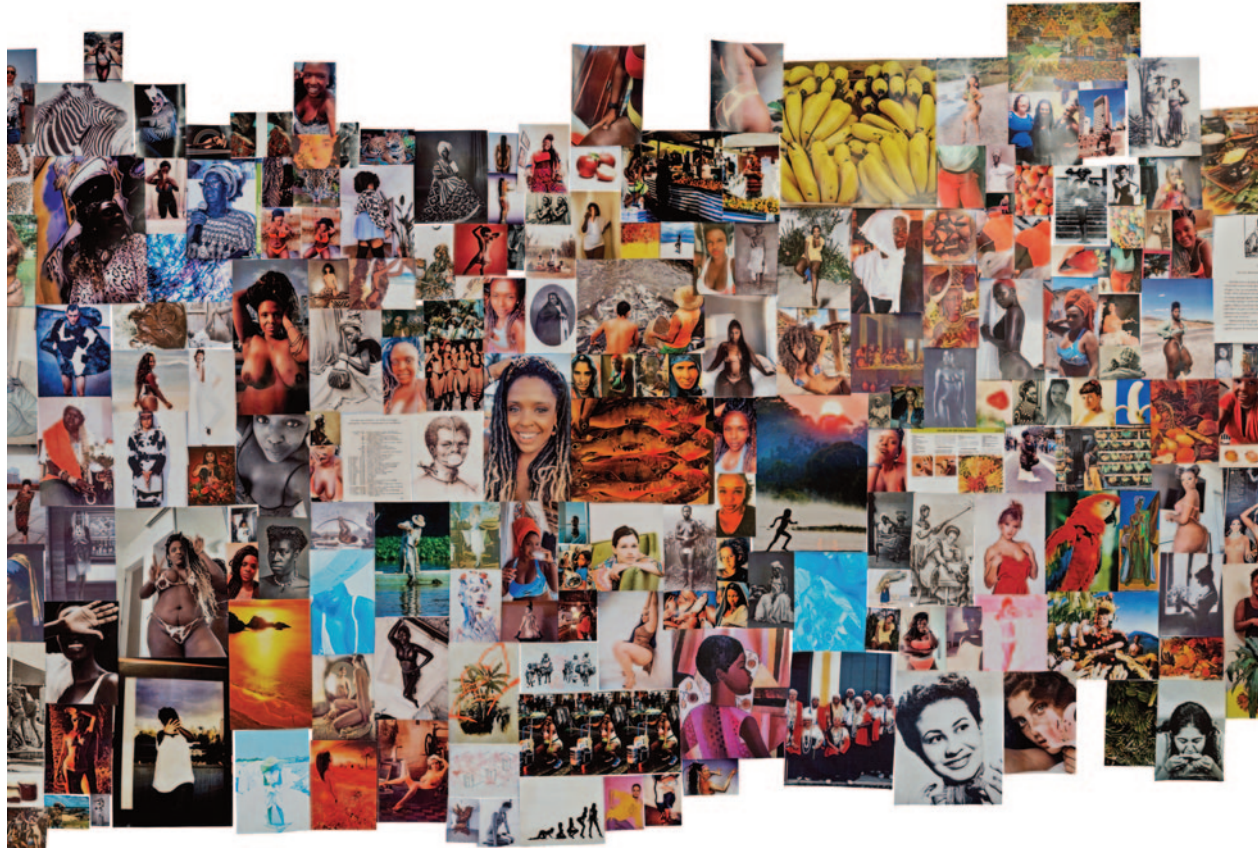
Contemplado com a Bolsa de 2021

Tiago é artista visual, curador e doutorando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. Seus



De cima para baixo: Sofia Borges, *Teatro para o artifício*, Tatewaki Nio, *Na espiral do Atlântico Sul*, Tiago Sant’Ana, *Chão de estrelas*

trabalhos tratam da representação das identidades afro-brasileiras, ao refletir sobre a permanência das estruturas coloniais, do racismo estrutural e das dinâmicas que envolvem a produção da história e da memória.



Val Souza, *Vênus*

O filme *Chão de estrelas*, gravado na Chapada Diamantina, investiga estratégias de fuga e de libertação no período colonial brasileiro, além de discutir como essas táticas reverberam no imaginário visual brasileiro.

Vênus, Val Souza

(São Paulo, 1985)

Contemplada com a Bolsa de 2020

Val Souza vive e trabalha entre Salvador e São Paulo; trabalha com performances desde 2012. Sua prática inclui fotografia, dança, teatro, vídeo e instalação. No projeto *Vênus*, a artista construiu um painel com mais de mil imagens, que traça relações entre as diversas formas de representação das mulheres negras – incluindo a si mesma – da história da colonização ao Brasil contemporâneo.

Samba Shiva: as fotografias de Sambasiva Rao

Patchineelam, Vijai Maia Patchineelam

(Niterói/RJ, 1983)

Contemplado com a Bolsa de 2016



Filho de mãe baiana e de pai indiano, Vijai cresceu em meio ao trabalho fotográfico do pai, geólogo que emigrou para o Brasil nos anos 1970. No livro *Samba Shiva*, Vijai edita o arquivo fotográfico paterno, em busca de novas conexões artísticas.

SOBRE O INSTITUTO MOREIRA SALLES

Fundado em 1992, pelo embaixador e banqueiro Walther Moreira Salles (1912-2001), o Instituto Moreira Salles está presente em três cidades brasileiras: Poços de Caldas, São Paulo e Rio de Janeiro (a sede carioca está atualmente fechada para reformas). Seu acervo está distribuído em cinco áreas principais: fotografia, música, iconografia, arte contemporânea e literatura. O IMS organiza e recebe em seus centros culturais exposições de fotografia e de artes visuais de

artistas brasileiros e estrangeiros, promove mostras de cinema e espetáculos musicais, publica catálogos de exposições, livros de fotografia, literatura e música e duas revistas: a *ZUM*, sobre fotografia contemporânea, e a *serrote*, de ensaios sobre arte, política e literatura.

SERVIÇO

ENTRE NÓS: os dez anos da Bolsa ZUM/IMS

De 13 de novembro a 2 de fevereiro de 2025

Paço Imperial – Centro Cultural do Patrimônio

Paço Imperial / IPHAN / MinC

Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2215-2093

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

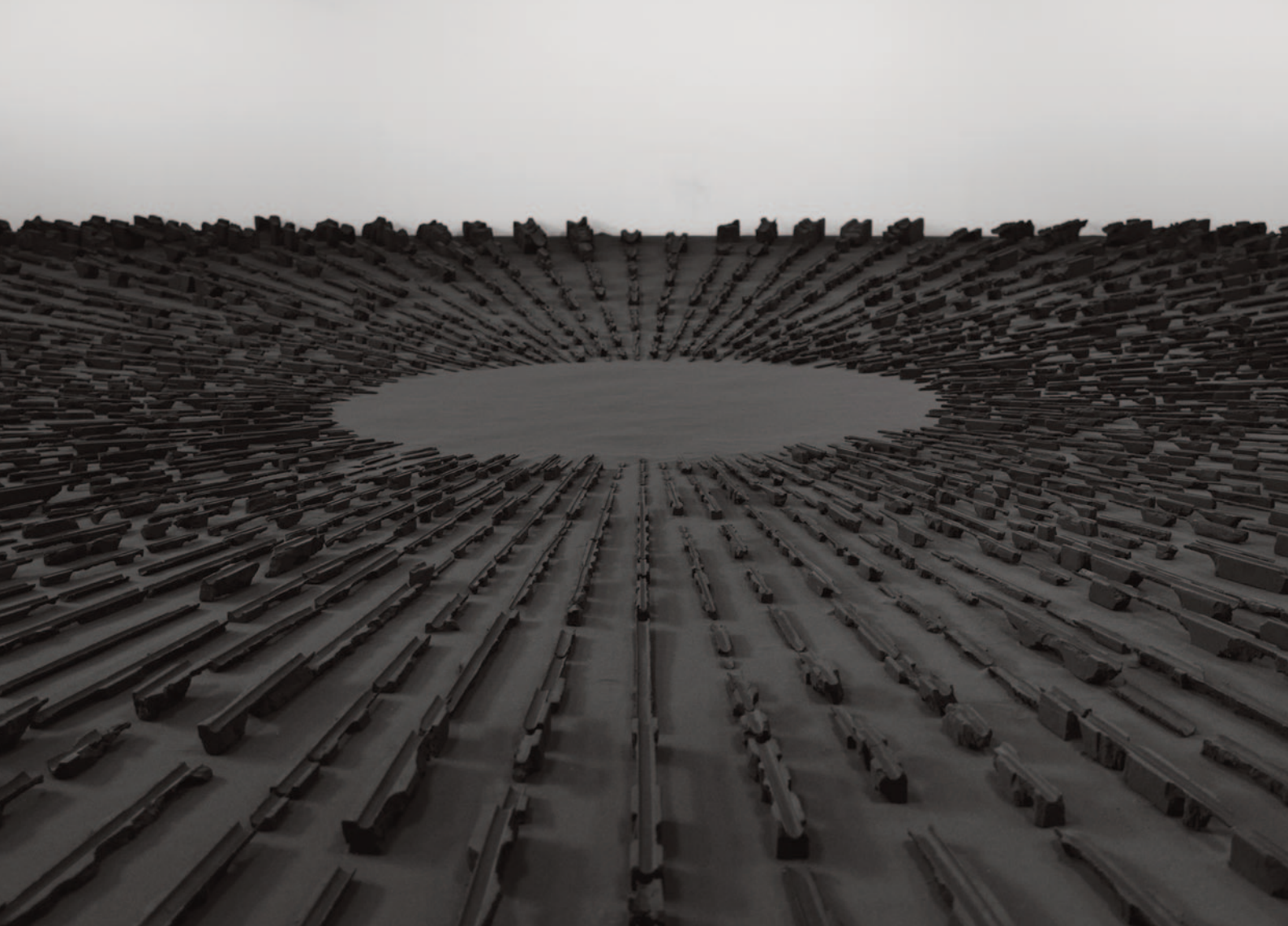
Entrada gratuita

Abertura: 13 de novembro, das 14h às 19h

A inauguração da mostra contará com a presença de artistas da exposição

Dias & Riedweg, *Casulo / Palco*





Muhannad Shono, Instalação site specific *The Ground Day Breaks*, 2024

Foto: Divulgação

ILUMINAÇÕES POÉTICAS no Paço Imperial, Rio de Janeiro

*Primeira coletiva itinerante de arte contemporânea saudita
começa sua jornada pelo Rio de Janeiro, a partir de 13 de novembro.
A mostra traz à luz a história da Arábia Saudita tecida em termos artísticos
e enriquecida pelas questões do presente*

“É possível nos aproximarmos de uma cultura específica através de uma exposição de arte contemporânea? De que maneira as artes visuais contribuem para a reconfiguração das narrativas que construímos a respeito da sociedade, da memória, do passado e do presente?” É na convergência dessas duas questões que se encontra a raiz da exposição, explica a curadora Diana Wechsler.

– Por meio de uma seleção de artistas e obras, a mostra procura aprofundar-se nestes aspectos, presumindo que a matéria da arte – em termos conceituais – é a iluminação poética, aqui entendida como sua capacidade de iluminar, simbolicamente, aspectos do mundo e das realidades que habitamos, incluindo aqueles que fazem parte de nosso passado e também de nossos sonhos, anseios e fantasias – destaca.

História, memória e tradição cultural perpassam as 25 obras dos 17 artistas que a exposição reúne no Paço Imperial, assim como a consciência ambiental, as origens e a identidade. A diversidade de estratégias visuais e materiais, somada a visão única de cada artista, molda uma cultura visual contemporânea e complexa, refletindo uma matriz cultural comum.

Dois grandes vetores emergem do repertório que compõe a exposição. O primeiro é o deserto como definição de espaço, infinito e vida; o outro é a singularidade da tradição cultural e o desenvolvimento de uma cultura visual própria, que envolve passados e presentes diversos.

“Neste rico emaranhado de inquietudes, a cultura da Arábia Saudita é tecida em termos artísticos; e se en-

riquece a partir das perguntas do presente”, reafirma Diana Wechsler. Ela lembra ainda que, “além de explorar estes dois núcleos temáticos, é importante destacar as interseções que surgem entre eles. Boa parte do interesse e dos atrativos da exposição residem, justamente, em perceber e captar esses diálogos”, garante.

ALGUNS DESTAQUES DA EXPOSIÇÃO

O percurso expositivo tem início logo na entrada do Paço Imperial, com a obra de Muhannad Shono, *The Ground Day Breaks* (2024), uma grande instalação de areia que ocupa o pátio interno da instituição.

“Tudo deriva do grão e acaba voltando para ele”, diz Muhannad Shono, que frequentemente escolhe a areia como material para suas obras. Nesse caso, é areia de fundição, do tipo usado para moldar objetos. Seu uso expira com o tempo. O círculo como forma infinita, no sentido de que não tem começo nem fim, encontra o seu limite no seu projeto criativo: se abre e se expande; a areia com que trabalha envelhece e, apesar da operação de recuperação, tende a desbotar. Como metáfora do desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo e do planeta em termos ambientais, Shono situa esta poderosa mas frágil instalação no espaço do Paço Imperial, submetendo-a à observação de quem a rodeia e a explora com as suas próprias questões existenciais.

O trabalho de Nasser Al Salem, *Arabi Gharbi* (2022) recebe os visitantes no primeiro andar, onde a exposição ocupa todas as salas. A obra, em neon, descreve a beleza do gesto caligráfico e, mesmo para quem não conhece a língua, começa a revelar seu segredo, pois o



Nasser Al Salem, instalação em neon *Arabi Gharbi*, 2022
Foto: Divulgação

que é visto varia ligando e desligando alternadamente um dos pontos que completam o significado. A princípio lê-se *Arabi*, sem o ponto. Então, *Gharbi*, quando estiver ligado.

Com muita sutileza, Nasser Al Salem apresenta a distância entre a escrita da palavra árabe (*Arabi*) e a da palavra que denomina o que não é árabe (*Gharbi*): uma escrita quase idêntica que remete a significados opostos em termos de pertencimento ou não para uma cultura.

Estabelece a distância cultural e ao mesmo tempo a convergência de recursos visuais e operações simbólicas que serão reveladas, como iluminações poéticas, à medida que caminhamos pelos espaços do Paço Impe-

rial. A obra também foi escolhida para encerrar o passeio, com a certeza de que o trânsito pelas salas deixou uma marca e rever a obra iluminará outros sentidos, possivelmente enriquecidos, no que diz respeito ao primeiro encontro com ela.

O Vídeo de Ahaad Alamoudi – “*Niun*” (2018) arquiva e estuda o momento de mudança da Arábia Saudita, questiona a existência do presente e chora sua perda. Segundo o artista, “*o país vive uma fase de ressurreição, na qual uma nova visão do futuro foi ativada: a Visão 2030. Tudo, desde o setor privado até o público, vem sendo afetado; e o país como um todo está se movimentando em direção a este novo conjunto de metas. Ao questionar o complexo processo de mudança – o que se perdeu e o que se ganhou em função desse movimento –, podemos começar a definir a transparência dessas mudanças ideológicas que estão acontecendo dentro do reino. Para quem são essas mudanças? E como a natureza destas mudanças impostas começa a definir quem somos nós, enquanto nação?*”, ressalta.

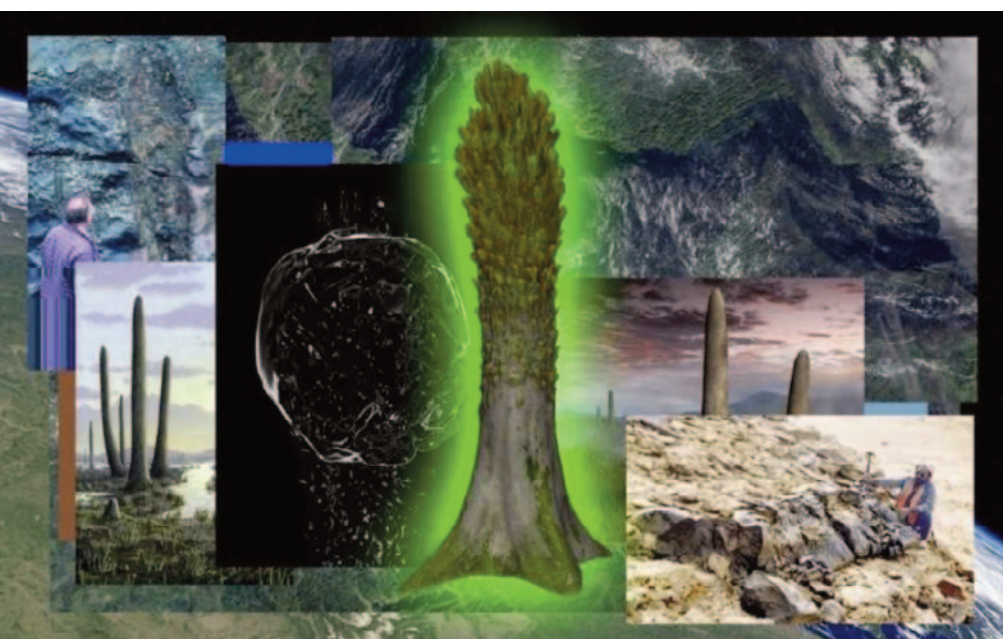


Ahaad Alamoudi, vídeo *Niun*, 2018
Foto: Divulgação



Dois exemplos desses questionamentos podem ser observados, entre outros, nas obras de Ayman Zedani e Filwa Nazer.

Na Instalação têxtil, *Five Women* (2021), de Filwa Nazer, o foco são as identidades emocionais e psicológicas, em conexão com diversos contextos sociais, com um comprometimento de gênero em sua base. A artista trabalha com têxteis como um material que conecta corpos e espaços.



Já Ayman Zedani, no filme experimental *The Return of the Old Ones* (2020), propõe uma perspectiva poética a partir de uma entidade não-humana. Escrito de forma colaborativa, pelo autor e pela pesquisadora e escritora independente Saira Ansari, o diálogo mistura informações factuais e narrativa de ficção científica para explorar a história do petróleo por meio da vida, morte e ressurreição de um antigo fungo gigante, conhecido como Prototaxites, cujos remanescentes preservados têm sido encontrados somente na Arábia Saudita e nos Estados Unidos.

De cima para baixo: Filwa Nazer, instalação têxtil *Five Women*, 2021; Ayman Zedani, filme experimental *The Return of the Old Ones*, 2020

Fotos: Divulgação

Completam o percurso de todas as salas as obras de Lina Gazzaz, Ahmed Mater, Shadia Alem, Ahmad Angawi, Moat Alofi, Emy Kat (Mohamed AlKhatib), Manal Aldowayan, Ayman Yossri Daydban, Ahaad Alamoudi, Daniah Alsaleh, Basmah Felembah, Sarah Brahim e Faisal Samra.

Todos os artistas, segundo a curadora, “se encontram no mesmo ponto, em termos de pesquisa e do questionamento de seu ambiente cultural. A partir daí, ten-

tam entender o modo como estão vivendo e como seu ambiente foi construído, tanto em termos culturais quanto naturais”.

SERVIÇO

Iluminações Poéticas

Abertura: 13 de novembro, das 14h às 19h

Visitação: de 13 de novembro a 12 de janeiro de 2025

Paço Imperial

Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita



Emy Kat (Mohamed AlKhatib), *Philby*, 2023

Foto: Divulgação

Manal AlDowayan, instalação *Tree Of Guardians*, 2014

Foto: Divulgação



Sarah Brahim performance *Soft Machine / Far Away Engines*, 2022

Foto: Divulgação





Zazi II, ISGM, Boston, 2019

Foto: Site Tate Modern / Reprodução

ZANELE MUHOLI

na Tate Modern, em Londres

Maria Hermínia Donato

A exposição celebra o trabalho de duas décadas da artista visual e ativista sul-africana, com mais de 300 fotografias que narram as histórias de vidas LGBTQIA+ negras na África do Sul

Zanele Muholi, cineasta e fotógrafa, nascida em 1972 em Umlazi, se define como uma ativista visual e prefere o termo “*participantes*” para as pessoas retratadas, destacando o empoderamento e a dignidade dessas figuras. Sua prática artística vai além da fotografia; recentemente, incluiu esculturas monumentais em bronze que exploram temas de intimidade e esfera pública.

Zanele Muholi e escultura

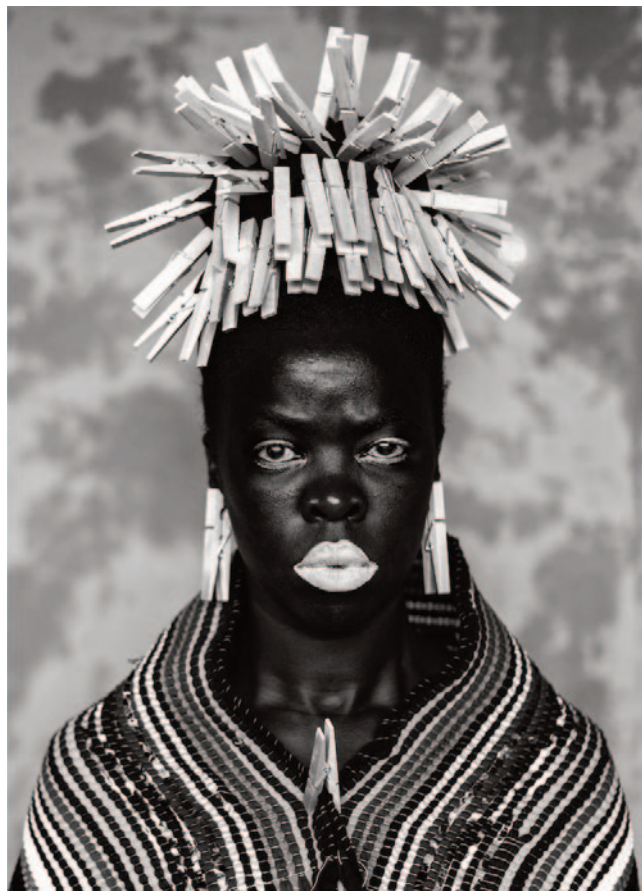
Foto: Tate (Larina Fernandes) / Site Tate Modern / Reprodução



A exposição inclui obras que vão desde os primeiros trabalhos de Muholi até séries mais recentes, como *Somnyama Ngonyama* (“*Salve a Leoa Negra*”), onde a artista usa autorretratos para abordar questões de raça, identidade e representação. As imagens de Muholi desafiam estereótipos, celebrando a beleza queer negra e confrontando o racismo, a intolerância e a violência que suas comunidades enfrentam.

Da série Somnyama Ngonyama (“Salve a Leoa Negra”)

Foto: Site Tate Modern / Reprodução



Qiniso, *The Sails*, Durban, 201

Foto: Site Tate Modern / Reprodução

Voltando a câmera para si, a artista adota diferentes poses e personagens. Usando esponjas de aço, luvas de látex e pregadores de roupa, a artista celebra a vida de sua mãe criando coroas reais a partir de artigos de servidão cotidiana que a mãe usava como empregada doméstica.

Em outro retrato, após um incidente de perfil racial na segurança do aeroporto, Muholi está adornada com joias feitas de abraçadeiras de plástico, que normalmente são usadas para restringir pessoas. Materiais cotidianos são transformados em adereços carregados de significado político. As imagens resultantes exploram temas como trabalho, racismo, eurocentrismo e política sexual, frequentemente sobre eventos da história da África do Sul e as experiências de Muholi como uma pessoa queer negra viajando pelo mundo.

Ao aumentar o contraste nas fotografias, Muholi enfatiza a escuridão de sua pele, assumindo seu negrume com orgulho e afirmando sua beleza.

SÉRIES

A série *Faces and Phases* teve início em 2006, atualmente com um total de mais de 600 obras – um retrato coletivo, festejando, homenageando e arquivando as vidas de pessoas negras lésbicas, transgênero e não conformes com o gênero. Seus “participantes” são relações longas e contínuas fotografadas ao longo do tempo. No título, “*Faces*” é a pessoa fotografada, “*Phases*” significa transição de uma etapa de sexualidade ou expressão e identidade de gênero para outra. Marca as mudanças nas vidas dos participantes, com envelhecimento, educação, trabalho e casamento.

Faces and Phases forma um arquivo vivo, visualizando a crença de Muholi de que “*expressamos nossas identidades de gênero, raça e classe de maneiras ricas e diversas*”.



Da série *Faces and Phases*



Foto: Site Tate Modern / Reprodução

A exposição também apresenta séries como *Brave Beauties*, que celebra pessoas não binárias e mulheres trans, e *Being*, retratos de casais que desafiam estereótipos heteronormativos e supremacistas. Estas obras não apenas documentam as realidades LGBTQIA+ na África do Sul, mas criam um espaço para novas narrativas, onde a beleza negra e queer é afirmada e valorizada.

“THEY”

Em entrevistas, Muholi destaca que suas obras servem tanto para educar o presente quanto para formar um cânone visual para gerações futuras. A artista acredita que seu trabalho de construção de um futuro mais inclusivo deve ser contínuo, esperando o dia em que as pessoas LGBTQIA+ não sejam mais vistas como in-

trusas. Além disso, sua prática é uma forma de decolonização, recusando as normas de gênero e raça impostas, buscando uma representação coletiva que valorize a ancestralidade e a comunidade.

Muholi, que prefere ser chamada pelo pronome *“they”* (eles), explica que essa escolha reflete não apenas uma fluidez de gênero, mas também uma conexão com seus ancestrais e uma visão de coletividade. Sua obra, portanto, é profundamente política e pessoal, tratando de empoderamento, memória e resistência, ao mesmo tempo em que desafia noções convencionais de identidade e beleza.

SERVIÇO

Zanele Muholi

Até 26 de janeiro de 2025

Tate Modern

Bankside, London SE1 9TG



Da série *Brave Beauties*
Foto: Site Tate Modern / Reprodução



Foto: Site Tate Modern
Reprodução



Victor Fidelis, *Cantinho*, 2022

Foto: Coleção Leo Claret

Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira no CCBB Rio

*Exposição estreia dia 16
com mais de 140 obras
somente de artistas negros
de várias regiões do Brasil.
Com entrada gratuita,
a mostra traz à luz histórias
que não costumam
figurar nos livros, nas salas
de aula e nas exposições*

Ocupando o segundo andar e a área próxima à bilheteria, a exposição está dividida em cinco eixos: *Tornar-se*, sobre a importância do ateliê de artista; *Linguagens*, que aborda os movimentos artísticos; *Cosmovisão*, a respeito do engajamento político e direitos; *Orum*, sobre as relações espirituais entre o céu e a terra, a par-

tir do fluxo entre Brasil e África; por último, *Cotidianos*, que aborda as discussões sobre representatividade.

As pinturas, fotografias, esculturas, instalações, vídeos e documentos apresentados na exposição são assinados por artistas negros de diferentes gerações. Das

mais de 140 obras, 10 são de artistas que vivem no Rio, inclusive uma das homenageadas, Lita Cerqueira. *“O acervo e sua organização propõem um diálogo transversal e abrangente da produção da arte afro-brasileira de todos os cantos”*, explica o curador da mostra, Deri Andrade.

A mostra abre durante a realização dos encontros do G20 Social no Rio de Janeiro e se apresenta como mais uma oportunidade de contato do público nacional e internacional com a arte brasileira.

Em cartaz até 17 de fevereiro de 2025, é patrocinada pelo Banco do Brasil e BB Asset, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e produzida pela Tatu Cultural.

SERVIÇO

Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira

De 16 de novembro a 17 de fevereiro de 2025

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

R. Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 09h às 20h (fecha às terças)

Informações: bb.com.br/cultura

Entrada gratuita

Ingressos disponíveis a partir de 4 de novembro, na bilheteria física e no site do CCBB RJ.

Silvana Mendes, Série *Afetocolagens*, 2022

Foto: Coleção da artista



Nay Jinknss, Série *Do Mar ao Rio*, 2022

Foto: Coleção da artista





Série Chuquicamata

Foto: Divulgação

“Os ventos do norte não movem moinhos”

*Individual de Geórgia Kyriakakis na Galeria Raquel Arnaud, SP,
propõe reflexões sobre a cultura, a história e a herança social do processo colonizador
na América Latina. O texto crítico é de Paula Borghi*

Inspirada pela canção *"Sangue Latino"*, composta em 1973 por Paulinho Mendonça e João Ricardo, e eternizada pela banda Secos e Molhados, a artista propõe uma visão ampliada da América Latina, que ultrapassa conceitos geográficos e contrapõe a influência cultural norte-americana.

"O que chamamos de América Latina é um tipo de regionalização que considera os idiomas falados, os processos históricos de colonização e exploração, as desigualdades sociais e as origens indígenas ancestrais, entre outros fatores. Os 'ventos do norte', mencionados na canção, são uma alusão direta às forças imperialistas do norte global, que resultam em opressão e espoliação de recursos naturais e sociais, presentes na história da região. Essas forças 'não movem moinhos', promovem o subdesenvolvimento inexorável da América Latina", explica Geórgia.

Composta por esculturas, desenhos, instalações e ações colaborativas, a exposição ocupa todo o espaço da galeria. No piso térreo estão duas séries de desenhos inspirados na história da cidade de Chuquicamata, no Chile, abandonada devido à poluição do ar e à contaminação causada pela exploração de cobre na região.

Na parede principal, a artista apresenta *Veias Abertas*, uma extensa faixa de tecidos vermelhos de diferentes formatos e texturas, cobrindo toda a metade inferior da parede. São quase 20 metros de tecidos sobrepostos, dispostos de modo a representar a divisão geográfica entre norte e sul. Esses tecidos trazem recortes

de trechos da música *Sangue Latino*: *"minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos, meu sangue latino, minha alma cativa"*. Ainda no térreo, outra frase da mesma canção inspira a criação das três esculturas chamadas *Lança ao Espaço*, compostas por 15 lanças de madeira torneada, pontiagudas e encaixadas umas nas outras.



Lança no espaço

Foto: Divulgação

No andar superior, estão expostas ações colaborativas propostas por Kyriakakis em parceria com as artistas Carla Chaim, Aline Langendonck, Isis Gasparini e Vânia Medeiros, desenvolvidas para envolver a participação da equipe da galeria. Exceto Vânia Medeiros, todas as de-

mais artistas, e também a curadora Paula Borghi, foram alunas de Kyriakakis no curso de Artes Visuais da FAAP. O projeto surgiu do desejo da artista de unir sua atuação como artista e professora em uma mesma iniciativa.

Todas as ações estabelecem relações com o tema geral da mostra e foram criadas para uma colaboração inicial com a equipe de trabalho da galeria realizada durante a montagem dos trabalhos. O público também pode interagir com as propostas.

SERVIÇO

***"Os ventos do norte não movem moinhos",
de Geórgia Kyriakakis***

Até 17 de janeiro de 2025

Galeria Raquel Arnaud

Rua Fidalga, 125, Vila Madalena, São Paulo / SP

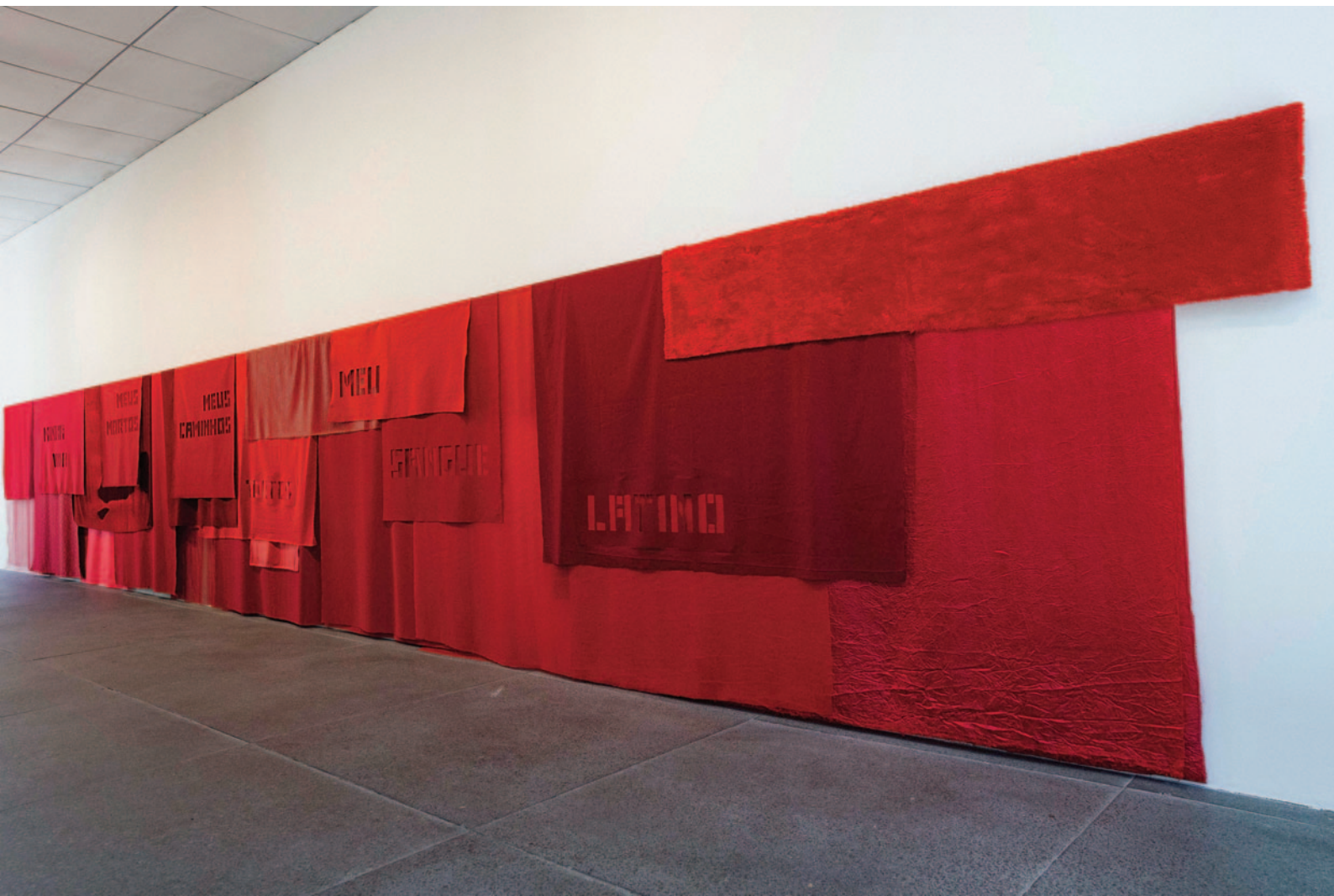
Dias/Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h;
sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

<https://raquelarnaud.com/>

Veias Abertas

Foto: Divulgação



Pinakothèque Cultural, Rio de Janeiro, recebe FLAVIO-SHIRÓ e ANA HOLCK



Flavio-Shiró, *Sem título*, 2023

Foto: Jaime Acioli



Ana Holck, *Laçados II*, 2024

Foto: Vicente de Mello

FLAVIO-SHIRÓ, 96 ANOS, PRESENTE

Em celebração ao grande artista nipo-brasileiro, nascido em 1928 no Japão, a mostra traz um raro conjunto de sua produção – das pinturas seminais da década de 1940 a obras inéditas produzidas em 2022 e 2023, além de fotografias feitas por ele ao longo de sua vida, fato inédito em suas mostras

Com curadoria de Max Perlingeiro, a exposição “Flavio-Shiró, 96 anos, presente” reúne um raro conjunto de 70 obras do artista produzidas ao longo de sua trajetória. Fazem parte da mostra as pinturas mais influentes e inspiradoras dos anos 1940, revelando suas experimentações que optavam pelo expressionismo, assim como o pioneirismo, no início dos anos 1960, na pintura abstrata “dedicada ao informe, ou seja, ao rastro gestual dificilmente reconhecível ou categorizável”, como observa Paulo Miyada, diretor artístico do Instituto Tomie Ohtake, no texto crítico que acompanha a exposição.

“Indo um pouco além do grande arco de embate com a pintura em um mundo de violência, a exposição nos oferece a chance de encontrar o artista em uma espécie de movimento de retorno ao lar. Não é um retorno literal, pois seu endereço segue em Paris e no Rio de Janeiro, mas, sim, seu regresso ao serendipitoso encontro com a intensa beleza prosaica do viver fazendo arte”, observa Miyada.

Flavio-Shiró trabalha continuamente, e no Salão central da Pinakothek Cultural estão 45 obras em papel, em



Rear Window – Alfred Hitchcock, 2022-2023

Foto: Jaime Acioli

aquarela ou nanquim, feitas em 2023 e 2024. Seu imenso universo intelectual, adquirido por anos de interesse pela literatura, cinema e música, era ativado pela percepção de algo a sua volta, às vezes banal, uma cena de TV, e se transformava em impulso de trabalho. Assim são as aquarelas “Sem Título”, com cenas de car-

naval, uma tourada, ou ainda em forma circular. Destacam-se também as quatro aquarelas que fez em caixas de bombons, entre elas *“Rear Window – Alfred Hitchcock”* (2022-2023), e os 14 desenhos em nanquim, de 2023, em que o artista parece refletir sobre seu tempo e sua existência mais íntima.

“Flavio-Shiró, 96 anos, presente” traz ainda a pintura inédita *“Casulo”* (2019-2020), além de fotografias feitas por ele, em vários períodos de sua vida, nunca exibidas anteriormente. Na última sala da mostra é projetado o filme *“Origens, Sonhos, Pesadelos, O ateliê e Pintando”* (2018), com roteiro e direção de Margaux Fitoussi e Adam Tanaka, neto do artista.



A exposição é acompanhada de um catálogo, com textos de Paulo Miyada e Max Perlingeiro, com fotografias feitas pelo artista e ainda cadernos com aquarelas que ele fez entre 2020 e 2022, durante a pandemia de Covid-19.

OBRAS HISTÓRICAS

No hall de entrada, encontram-se quatro autorretratos de Flavio-Shiró, que têm importância salientada no texto de Paulo Miyada, por possibilitarem que se perceba *“a gama de experimentos que o artista inquieto propunha a si mesmo, testando paletas cromáticas, modos de pincelada, maneiras de configurar o espaço pictórico, as relações de figura e fundo e sombreamento — em geral, optando por roçar em recursos associados às tendências expressionistas do modernismo”*.

Na Sala 1, à esquerda da entrada, estão as obras históricas. *“As obras produzidas entre 1947 e 1952 são testemunhos dos interesses porosos e poéticos de um jovem nipo-brasileiro que, nas suas primeiras décadas de vida, já havia atravessado o globo, visto a neve de Hokkaido, a chuva do Pará, a neblina de São Paulo e o mar do Rio de Janeiro. São, também, rastros de alguém que elege como seu habitat prioritário no mundo a criação artística”*, continua o ensaísta. O diretor artístico do Instituto Tomie Ohtake chama a atenção para duas obras na exposição *“que – retrospectivamente – estão especialmente impregnadas pelo caráter que Flavio-Shiró viria a desenvolver nos anos vindouros: ‘Da minha janela (Sta. Teresa)’, circa 1950, e ‘O mar’ (1951),*

Autorretrato, 1947

Foto: Jaime Acioli



Da minha janela (Sta. Teresa), circa 1950

Foto: Jaime Acioli



'O mar, 1951

Foto: Jaime Acioli

ambas com pinceladas largas, com gestualidade decidida”.

Miyada também enfatiza os “Anêmona nº 1” e “Crescendo”(ambas de 1961), “dois excepcionais exemplos na mostra”. As obras evidenciam o ponto de maior adesão de Flavio-Shiró à experimentação da pintura abstrata dedicada ao informe, ou seja, ao “rastro gestual dificilmente reconhecível ou categorizável. São obras que comprovam o pioneirismo do artista ao explorar uma vereda de linguagem que não tinha ainda pares na produção brasileira — os quais se multiplicaram ao longo da década de 1960”, afirma.

MANDRAGORE

Paulo Miyada destaca também a pintura “Mandrágore”(1961), “em que – desde dentro da densidade das cores escuras que aludem à sorte muito particular de trevas que existem no coração da floresta durante o dia – fez emergir evocações e reminiscências de ambiências e seres”. Aludindo ao “gesto intempestivo” mencionado antes, ele afirma: “Nessa inusual atitude, tratou a figuração como algo que precisava a cada vez ser novamente fundado no interior da matéria da pintura feito caldo prebiótico, sopa primordial destinada a conformar os primeiros organismos vivos. Quanto à linguagem, essa busca refeita a cada vez tornou-se uma das molas propulsoras de sua produção ao longo de mais de seis décadas”.



Em sentido
horário:
Anêmona nº 1,
Crescendo,
Mandragore
todas as obras
de 1961

Fotos: Jaime Acioli

ANA HOLCK – ENSAIOS LINEARES

No segundo andar expositivo da Pinakothke, um conjunto de 20 trabalhos da artista carioca exhibe sua trajetória de 2006 até os dias atuais.

Nos jardins, duas esculturas de grande formato, completam a mostra

As séries “Laçados”, “Grades”, “Pontes Cerâmicas”, “Perimetral”, “Passarelas” e “Pontes Vinílicas” compõem a panorâmica de Ana Holck, junto com “Torres Armadas I e II” (2012), esculturas em concreto e aço, com 2,80 metros de altura, nos jardins da instituição. Em várias obras, segundo o curador Francesco Perrotta-Bosch, “a artista subverte cânones da história da arquitetura, em trabalhos poéticos”.

“Quando Ana Holck decide pelo encontro de duas paredes, ela ocupa uma posição por milênios preenchida pelas pilastras, as quais, segundo o vocabulário arquitetônico clássico, são encimadas por capitéis. Tais formas não são adornos, mas advêm de séculos de aprimoramento geométrico dos helênicos para o encontro das proporções áureas de decrescimento do raio do círculo, objetivando uma espiral mais perfeita do que a encontrada em um caracol na natureza. Um tanto empiricamente, ou talvez pelo subconsciente, Holck desmesura esse modelo geométrico”, observa Francesco Perrotta-Bosch, ao afirmar que “em ‘Entroncados: canto VI’ (2024), o cânone arquitetônico de busca do perfeito equilíbrio da forma é rechaçado na sua combinação de porcelana e aço inox”.

Ele também destaca que nos “Laçados” a exacerbação dos giros e das elipses não é uma operação barroca; não é proliferação para reafirmação, mas gestualidade de obsessiva contestação às regras. “A arquitetura incomoda Ana; e, por sua vez, Ana desafia a arquitetura”, assinala o curador.

PONTES CERÂMICAS

“Com uma porcelana delicada, a artista apresenta o equilíbrio estrutural sob uma leve imperfeição: uma forma regularmente constituída por elementos metálicos é refeita sob a égide da mão – como uma inversão da marcha histórica da evolução das cadeias produtivas, Holck apropriou-se de um modelo industrializado e o converteu em artesanato. Tais Pontes cerâmicas aparentam estar suspensas num momento de construção que não finda, permanecendo em um vaivém entre o projetado e o incidental”, escreve Francesco Perrotta-Bosch no texto curatorial.



Ponte I, 2006
Foto: Divulgação

Essa correspondência com o canteiro de obras reaparece na série *“Torres armadas”*, com trabalhos compostos por elementos de concreto pré-moldado para cercas. Esse material de catálogo de construção civil tem seu propósito funcional absolutamente desconsiderado. Confere-se uma dimensão escultórica a um elemento pragmático e banal. O valor artístico reside em questões formais como o arranjo em tríade e a verticalidade encontrada numa disposição autônoma de fundações no solo.



Torres Armadas I e II, 2012

Foto: Pat Kilgore

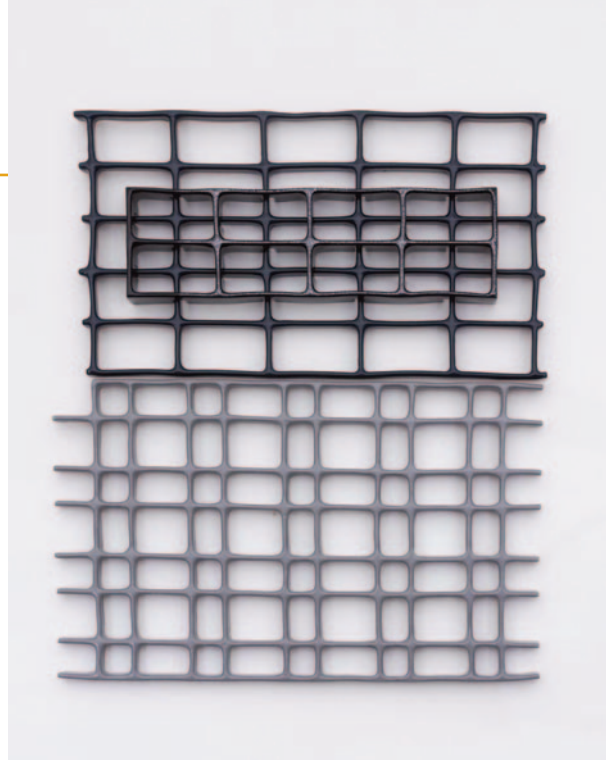
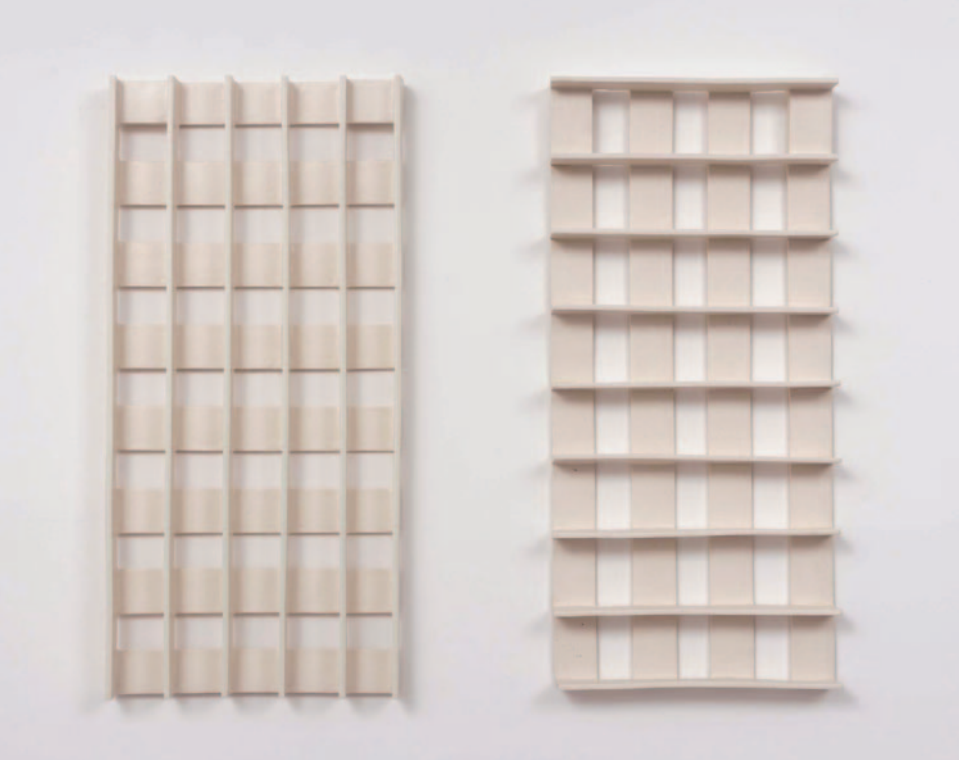
“As referências à arquitetura não são fortuitas. É a profissão pela qual Ana Holck se formou na universidade. Também se tangencia no ofício do pai engenheiro-calculista. E se escancara no léxico — pontes, passarelas, perimetrais, grades, torres — dos títulos dos trabalhos expostos nesta mostra panorâmica”, afirma o curador.

Ele comenta que o tênue equilíbrio encontrado em meio a uma tensão estrutural regressa nas *“Passarelas”* (2011) de Ana Holck. *“É também uma composição de linhas curvas e retas, como as ‘Pontes’. As ‘Passarelas’ são, sobretudo, um prenúncio dos ‘Entroncados’, no que tange à recusa à planalidade e à ambição de lançar-se no espaço sem se desprender da parede da qual irrompe”.*



De cima para baixo: *Passarelas II*, 2011 e *Ponte Cerâmica*, 2017-18

Fotos: Pat Kilgore



Da esquerda para a direita: *Sem Título, (Grade diptico)*, 2022 e *Sem Título, (grade sobreposta)*, 2018

Fotos: Pat Kilgore

“Não raro, o primeiro ato dos arquitetos frente a uma folha em branco é desenhar uma grelha quadricular para estabelecer as proporções da edificação em concepção. Emergir do plano vertical é igualmente um pressuposto para a série ‘Grades’. Tais trabalhos se destacam por friccionarem o rigor da modulação própria à minimal art. Perdura a lógica do grid em sua ordem regular, na correlação dos eixos, na repetição das linhas e na equidistância entre as partes, mas toda a severidade métrica é sutilmente amolecida por Ana Holck. Com as ‘Grades’ compostas por retas não retilíneas, a artista fere o ato fundacional de projetos de arquitetura”, enfatiza Francesco Perrotta-Bosch.

“Móbile I” (2024), da série “Laçados”, é constituído por curvas que o compasso não proporciona e centralizado por uma reta avessa à linearidade da régua. Nas “Pontes Vinílicas” (2006), ao revisitar uma estrutura tensionada, a artista engendra dois arcos a partir de

seções de retas. É uma operação de decomposição geométrica da curva.

SOBRE ANA HOLCK

Ana Holck nasceu em 1977, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Inicia sua trajetória nos anos 2000, com instalações de grande formato em instituições como Paço Imperial, Birmingham Museum and Art Gallery, Centro Cultural Banco do Brasil, SESC Pinheiros, Santander Cultural, entre outros.

Arquiteta de formação, Ana Holck promove um diálogo entre os espaços arquitetônicos e urbanos e a arte, em busca de novas relações e de uma geometria contemporânea. Utilizando materiais diversos – como vinil adesivo, policarbonato alveolar, tijolos e blocos de concreto, que têm suas funções originais subvertidas pela artista – Ana cria, principalmente, esculturas e objetos.

Dentre as suas mais importantes exposições individuais estão *“Entroncados, Enroscados e Estirados”* (2023), Paço Imperial, Rio de Janeiro; *“Perimetrais”* (2013), no 11 Bis Workspace, Paris; *“Bastidor”*, no Centro Cultural Banco do Brasil, e *“Os Amigos da Gravura”*, no Museu da Chácara do Céu, ambas em 2010, no Rio de Janeiro; *“Canteiro de Obras”* (2006), Paço das Artes; *“Elevados”* (2005), Paço Imperial; e *“Quarteirão”* (2004), Centro Universitário Mariantonia.



Foto: Vicente de Mello

SERVIÇO

“Flavio-Shiró, 96 anos, presente”

“Ana Holck – Ensaios lineares”

Até 30 de novembro

Pinakothke Cultural – Rio de Janeiro

Rua São Clemente 300, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2537-7566 | E-mail: contato@pinakothke.com.br

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 10h às 18h;

sábados das 10h às 16h

Entrada gratuita

Mobile I, 2024

Foto: Vicente de Mello





Visconti, *Boa noite*, c. 1910

Foto: Divulgação

“Visconti e Renoir: Impressionismo – 150 anos” na Danielian Galeria, RJ

Com curadoria de Denise Mattar a mostra reúne, a partir do dia 7, aproximadamente 40 obras do artista ítalo-brasileiro Eliseu D'Angelo Visconti (1866-1944) e três pinturas do mestre francês Pierre Auguste Renoir (1841-1919), em uma celebração aos 150 anos do movimento impressionista que inaugurou a era moderna na arte. A visitação é gratuita

As obras reunidas são empréstimos de importantes coleções públicas, como o Museu Antonio Parreiras e o Instituto Collaço Paulo, e prestigiosas coleções particulares, entre elas a de Ronaldo Cezar Coelho. Com o apoio do Projeto Eliseu Visconti, a exposição ocupará os dois andares da Danielian Galeria, na Gávea, Rio de Janeiro. De Renoir estão os trabalhos produzidos entre 1890-1900, como *“Bouquet des roses”* (1890-1900) e *“Femme et enfant”* (c.1900), que trazem a riqueza das pesquisas cromáticas impressionistas realizadas por ele, tanto em temas mais tradicionais, como os vasos de flores, quanto na representação de cenas do cotidiano.

Já os trabalhos de Visconti representam o percurso de sua pintura de 1890 a 1942, com ênfase na assimilação das tendências impressionistas às vistas, atmosferas e tonalidades brasileiras. As telas *“Boa noite”* (c.1910), *“O Colar”* (1922) e *“Quaresmas”* (1942) são essenciais para que o público possa perceber as conexões entre a produção brasileira e estas vanguardas europeias. Também merece destaque a *“Moringa decorada com perfil e flores”* (1909) feita para a inauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a convite do prefeito Pereira Passos.

Denise Mattar explica que *“Eliseu Visconti foi o primeiro artista a incorporar à nossa arte as conquistas dos movimentos que libertaram as artes plásticas das rígidas imposições da Academia. Simbolismo, Impres-*



De cima para baixo:
Renoir, Bouquet de Roses, 1890-1900 Foto: Jaime Aciol
Renoir, Femme et enfant, c.1900 Foto: Falcão Junior



E. Visconti

sionismo, Art Nouveau e Pós-Impressionismo influenciaram sua obra, porém, foram incorporados ao seu trabalho de forma inteiramente pessoal. Criador de atmosferas, Visconti transitava com maestria entre contrastes: pintava paisagens luminosas e retratos densos, nus plenos de sensualidade e cândidas imagens do cotidiano familiar – e em todos esses enfoques tão diversos deixava uma marca impalpável, que torna sua obra inconfundível”.

.SERVIÇO

“Visconti e Renoir: Impressionismo – 150 anos”

Abertura: 7 de novembro, às 18h

Visitação pública: 8 de novembro a 14 de dezembro

Danielian Galeria

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta-feira, das 11 às 19h;
sábados, das 11 às 17h

Tels.: (21) 98802-8627 / 2522-4796

contato@danielian.com.br

<https://www.danielian.com.br/>

Visconti, *O Jardim de Luxemburgo 3*, 1888

Foto: Divulgação



Visconti, *Moringa decorada com perfil e flores*, 1909

Foto: Divulgação



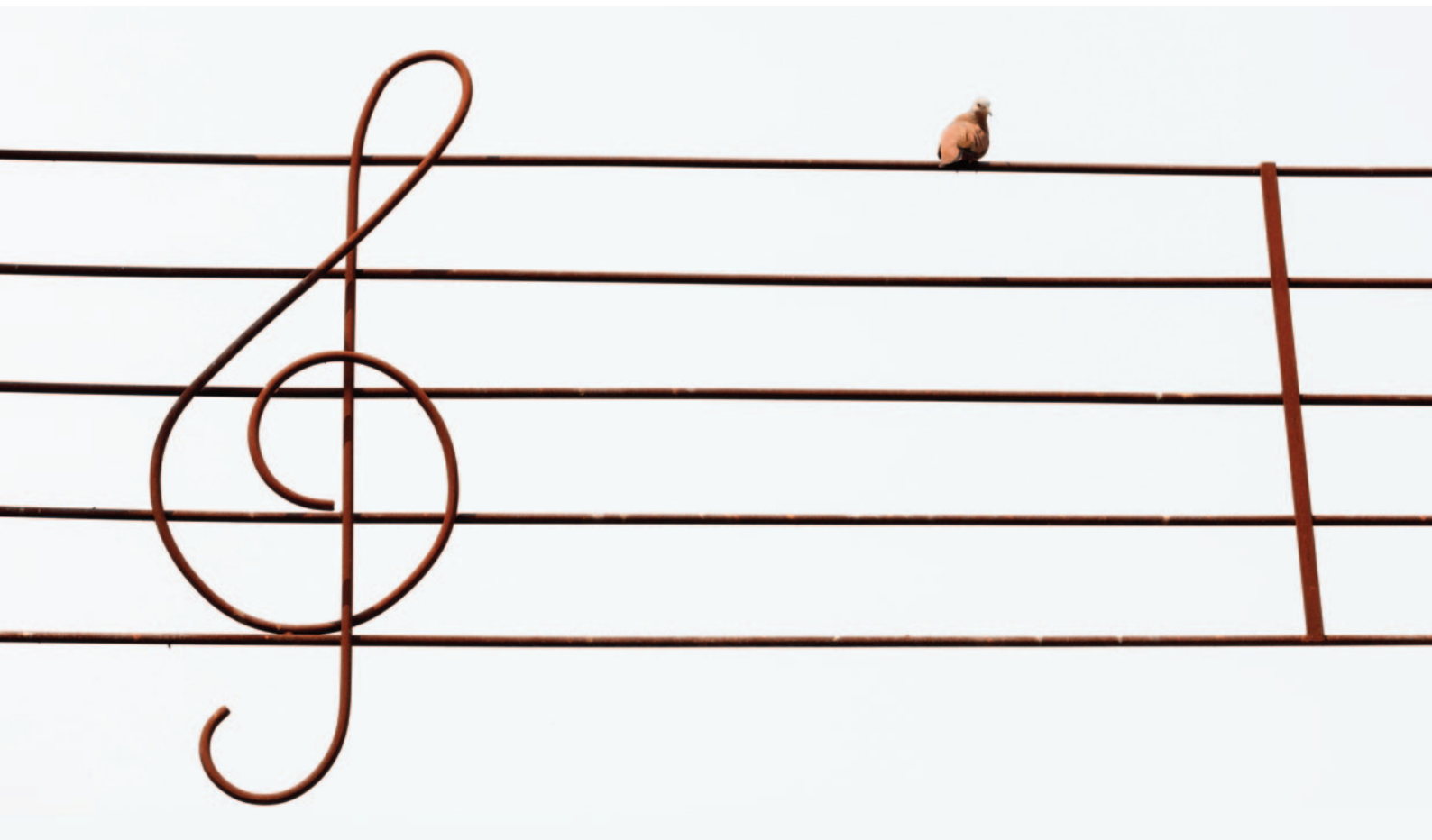
Na página anterior: Visconti, *Raios de sol*, c. 1935

Foto: Divulgação

PROJETO MARAVILHA

Com mostra inaugural de Carlos Vergara

Projeto pioneiro transforma o Parque Bondinho Pão de Açúcar em espaço de arte contemporânea ao ar livre. Destinado a comissionar grandes nomes da arte brasileira para a produção de obras inéditas, apresenta na sua 1ª edição trabalhos de Carlos Vergara, em diálogo com a Mata Atlântica, e utiliza tecnologias interativas para enriquecer a experiência do público



O *Projeto Maravilha* transforma o Parque Bondinho Pão de Açúcar em um espaço de arte contemporânea ao ar livre. A nova área expositiva que se abre na cidade – Bosque das Artes – é uma iniciativa idealizada pelo gestor cultural carioca Fabio Szwarcwald e realizada pela produtora A-Ponte.

A curadoria de Ulisses Carrilho exalta o Rio de Janeiro e a exuberância da sua paisagem natural, utilizando a arte para promover conscientização crítica e estimular a imaginação coletiva. O artista convidado para esta primeira edição do projeto é o gaúcho Carlos Vergara, que celebra em 2024 os seus 60 anos de carreira.

"Queremos proporcionar uma vivência da arte contemporânea, além de ampliar a contemplação da paisagem e de toda a riqueza do ecossistema", afirma Szwarcwald. Ferramentas digitais interativas complementam a proposta, enriquecendo a experiência sensorial e educativa do público.

Na exposição inaugural, Carlos Vergara apresenta três esculturas de grande escala, instaladas na zona de preservação socioambiental a 360 metros de altura.

Marcado por uma profunda investigação das culturas e paisagens brasileiras, o trabalho de Vergara dialoga diretamente com a iniciativa. *"O Projeto Maravilha adota uma visão holística de cultura e natureza, integrando esses dois campos. Em toda a obra do Vergara, percebemos um artista que desafia a antiga separação entre essas esferas",* justifica Carrilho.

Ao longo da carreira, a relação do artista com a natureza se revela nas diferentes linguagens que explora, como pintura, fotografia, gravura e escultura. Na prática escultórica Vergara é reconhecido pela habilidade de transformar espaços e envolver o público em reflexões sobre a interseção entre arte e natureza. *"A arte enriquece o olhar, tornando-o mais profundo. Ver vai além de simplesmente 'enxergar'. Na escultura, busco um olhar que se volta tanto para fora quanto para dentro",* resume o artista.

A interação artística proposta por Vergara – um dos principais representantes da Nova Figuração no Brasil – convida o espectador a ajustar seu olhar, ampliando a sensibilidade às sutilezas do ambiente e encontrando sentido no que observa. As obras apresentadas no *Projeto Maravilha* realçam a sintonia entre esculturas de grande formato e o bioma ao redor, dialogando com os reinos animal, vegetal e mineral.

Embora as esculturas – *Parênteses*, *A Idade da Pedra* e *Pauta Musical* – sejam de fases e pesquisas distintas, o projeto curatorial tem como ponto de partida a série *Natureza Inventada*, em que Vergara explora os padrões geométricos revelados nas formas orgânicas da natureza. Iniciada na pintura, essa série capta o ritmo visual da luz filtrada pelas folhas e galhos, e marca a produção escultórica do artista de forma subjetiva. *"Há uma memória de natureza, mas não a pretensão de ser descritivo ou mimético",* afirma Vergara. Além da evidente conexão com o meio ambiente, as três esculturas têm em comum o material com que são produzidas.



Parênteses

Foto: Fabio Souza

ESCULTURAS DE AÇO

A escolha do aço corten para dar corpo às peças escultóricas está relacionada às propriedades do material, que permitem uma evolução estética por conta da camada de óxido que se forma na sua superfície ao longo do tempo.

No “*Percurso Vergara*”, o público encontra três obras, todas em aço corten, material que permite uma evolução estética por conta da camada de óxido que se

forma na sua superfície ao longo do tempo. Entre os trabalhos destaca-se a escultura *Parênteses*, na qual formas geométricas que remetem a elementos da natureza, como folhas e troncos, se unem aos sinais de pontuação de três metros de altura. “*Nessa obra o Vergara traz a sua inteligência ecológica e propõe uma forma horizontal, bipartida e aberta. Apesar das grandes dimensões, os recortes na chapa de aço permitem que a entrada de luz integre a obra ao entorno, sem interromper a paisagem*”, descreve Carrilho.

A peça sugere múltiplos ângulos de observação da paisagem do Rio, vista do alto do Pão de Açúcar. Por um lado, é um ponto de contemplação onde o visitante pode colocar a cidade "entre parênteses", criando diferentes enquadramentos do horizonte. Por outro, propõe uma experiência íntima, na qual o visitante pode literalmente entrar na escultura, estabelecendo um diálogo visual e físico com o entorno.

Em *A Idade da Pedra* a longa sequência de zeros evidencia a passagem do tempo, que também atravessa a percepção de Vergara sobre o mundo. Para o artista, o tempo torna mais densas as camadas que compõem a realidade: *"A arte existe para tornar o olhar mais denso e enriquecer a vida. E eu quero compartilhar com o mundo essas densidades. Se não for para isso, não serve para nada"*, reflete.

Mais adiante encontra-se a *Pauta Musical*, uma escultura que se conecta com o canto dos pássaros. Remetendo a uma partitura iniciada por uma clave de sol, a pauta é composta por linhas que servem de pouso para os pássaros que, metaforicamente, tornam-se notas musicais vivas. O acaso, as coincidências e a sincronia do tempo na natureza são algumas das reflexões sugeridas pela obra, que dá destaque às aves da fauna local.

EXPERIÊNCIA DIGITAL

Pensado pedagogicamente para sensibilizar os visitantes em relação a uma consciência ecológica ampliada, o *Projeto Maravilha* cria uma dinâmica de integração da arte contemporânea com o Bosque do Parque Bondinho Pão de Açúcar.



Detalhe da obra *Pauta musical*, 2024

Foto: Jaime Acioli

"Ao estabelecer diálogos que valorizam a fauna e a flora e trazem à tona questões sobre sustentabilidade, o Projeto Maravilha quer atrair a atenção do público para a importância desse bioma preservado no cume de um dos pontos mais icônicos da cidade", resume Fabio Szwarcwald.

A unidade de conservação onde se instala o projeto, no cume do Pão de Açúcar, é patrimônio histórico e cultural do Rio de Janeiro com formação rochosa que data de cerca de 600 milhões de anos. Este refúgio, a quase 400 metros acima do nível do mar, é uma área de preservação ambiental onde a flora nativa e a fauna silvestre convivem em harmonia com a paisagem histórica. O Monumento Natural dos Morros da Urca e do Pão de Açúcar (MoNa) abrange 91,5 hectares de Mata Atlântica, um dos biomas mais importantes e ameaçados do país, e habitat para uma rica biodiversidade que inclui vasta avifauna e espécies vegetais endêmicas,

como o pau-brasil. Dentre as aves que habitam o bosque está o tiê-sangue – um dos pássaros mais bonitos do mundo, com plumagem de coloração vermelho-vivo que só existe no Brasil.

O "*Percurso Tiê-Sangue*" foi batizado com o nome do anfitrião dessa jornada de arte contemporânea, ecologia e entretenimento pelo Bosque. Assim como acontece no "*Percurso Vergara*", o ponto de partida para explorar o espaço tem início em uma escultura lúdica do pássaro em 3D, criada pela ilustradora Marina Smit. Inspirada no tangram, quebra-cabeça geométrico chinês popularmente usado como um jogo educativo, a peça tem uma abertura em que as crianças podem entrar e interagir.

Nesse primeiro ponto, o público é convidado a embarcar em uma experiência digital, interagindo com o Tiê através do Whatsapp. A sabedoria do pássaro sobre a biodiversidade local é compartilhada através de ferramenta acessível via QR code e conduzida por um chabot de Inteligência Artificial. A proposta de gamificação educativa, com vídeos, textos, áudios e interações em realidade aumentada, enriquece a jornada do visitante, que acumula pontos a cada interação realizada e, ao final, é recompensado com um NFT.

Os pontos de interesse do "*Percurso Tiê-Sangue*" incluem interações imersivas e oferecem oportunidades distintas de aprendizado e engajamento para o público. Na luneta, por exemplo, os visitantes são guiados por um áudio do pássaro, que revela os segredos do entorno do Pão de Açúcar e da Baía de Guanabara. Em

outra parada, Tiê explora os sons da floresta para embalar uma experiência de meditação guiada, incentivando os visitantes à prática da autoconexão.

O programa educativo sócio-ambiental do *Projeto Maravilha*, coordenado por Beatriz Jabor, tem como ponto de partida a arte contemporânea, a natureza e as relações sustentáveis com o meio ambiente. Beatriz explica que as ações propostas buscam contemplar os diversos conteúdos que o projeto abraça e suas interações, envolvendo parceiros estratégicos do entorno, como escolas municipais, universidades, o Instituto Benjamin Constant, o Instituto Urca e a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais e Museu de Ciências da Terra.



Tiê-Sangue

Foto: Leonardo Casadeii / Wikiaves

SERVIÇO

Projeto Maravilha: Carlos Vergara – 1ª edição | 2024

Bosque das Artes do Parque Bondinho Pão de Açúcar

Av. Pasteur, 520 - Urca, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: diariamente, das 9h às 17h

Compra de ingressos para o bondinho:

www.parquebondinho.com.br

www.projetoamaravilha.com.br



Oswald com objetos preferidos, sem data, Coleção Marília de Andrade

Foto: Autoria Desconhecida

A construção da obra de OSWALD DE ANDRADE em toda a amplitude é o tema da nova Ocupação Itaú Cultural, SP

*Além de ser um dos principais articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922,
Oswald de Andrade deixou vasto legado construído em trajetória
que passa pela poesia, romance, dramaturgia, jornalismo, filosofia e militância.
A sua obra marcou a literatura, a música, o teatro e as artes visuais no Brasil*

Romances, teses filosóficas, artigos de jornais: trata-se de uma ampla obra de Oswald de Andrade que o Itaú Cultural (IC) apresenta até 23 de fevereiro de 2025. A mostra, que também marca os 70 anos de sua morte, reúne mais de 160 itens, entre recortes de jornais, primeiras edições de seus livros, manuscritos e datiloscritos originais de livros, peças, poemas e artigos, fotos de família e pessoais, vídeos com depoimentos de estudiosos de seu trabalho, filhos e biógrafos.

A concepção e realização desta que é a 65ª Ocupação Itaú Cultural dedicada a personalidades da arte, cultura e educação brasileiras que inspiram gerações, são da equipe Itaú Cultural. A curadoria é assinada pela gerência de Curadorias e Programação Artística da instituição, com consultoria do jornalista Lira Neto, autor da mais recente biografia do homenageado, a ser lançada pela editora Companhia das Letras.

“Homenagear Oswald de Andrade neste ano em que se completam sete décadas de sua morte já seria natural, mas esta Ocupação é ainda mais do que isso”, diz Galiana Brasil, gerente de Curadorias e Programação Artística no Itaú Cultural. “Buscamos jogar luz à multiplicidade de sua obra, que se desdobrou por praticamente todas as expressões artísticas, e à sua capacidade intelectual transgressora, no sentido de insubordinar o estabelecido manuseando as palavras de forma irreverente, porém totalmente coerente e inovadora. Esta Ocupação procura mostrar a obra de Oswald para além da Semana de 22”, completa.

AUTOR INSUBORDINADO

Oswald (cuja pronúncia é “Oswáld”, de acordo com ele próprio) nasceu em 11 de janeiro de 1890, em São Paulo, com o nome José Oswald de Sousa de Andrade. Filho único de José Oswald Nogueira de Andrade e de Inês Henriqueta Inglês de Sousa de Andrade, uma família rica e aristocrática paulistana, formou-se advogado na Faculdade de Direito de São Paulo em 1919.

Passados três anos, quando ele somava 32, se tornou um dos principais protagonistas do Modernismo brasileiro, ao lado de Mário de Andrade, ao idealizar a Semana de Arte Moderna de 22 e construir o manifesto do Movimento Antropofágico. Juntaram-se a eles, artistas visuais como Di Cavalcanti, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, o escultor Vitor Brecheret, o compositor Heitor Villa-Lobos, os escritores Menotti del Picchia e Manuel Bandeira, e os músicos Guiomar Novais, Ernani Braga e Frutuoso Viana, entre outras personalidades do universo das artes brasileiras.

Reconhecido como irreverente e insubordinado, tanto na vida quanto na escrita, ele militou na política, candidatou-se a deputado federal, escreveu para jornais – ele próprio foi dono de um, *O Pirralho*, que ganhou do pai, quando tinha 21 anos – e peças icônicas, como *O Rei da Vela*. Tarsila, com quem foi casado de 1926 a 1929, foi parceira de produção em plena fase modernista. Em sua fase mais militante, ele se casou, de 1930 a 1954, com a escritora, poetisa, jornalista e militante comunista brasileira Patrícia Galvão, a Pagu, com



O Pirralho, publicação fundada e dirigida por Oswald de Andrade
Foto: Reprodução

a qual criou o jornal *O Homem do Povo*. Em 1940, conheceu a sua última mulher, Maria Antonieta d'Alkmin. Com ela, o autor trabalhou na pesquisa para a elaboração de seu romance *Marco Zero*. Ele morreu em 22 de outubro de 1954.

Esta é a face mais conhecida de Oswald de Andrade, embora sua obra seja muito mais ampla. “Ele escrevia

textos de combate e crítica engajados no momento histórico, pouco conhecidos hoje”, diz Lira Neto em um dos vídeos expostos na mostra. “É importante resgatar a sua obra. Ela fugia do padrão. Do ponto de vista da linguagem e das ideias, Oswald era um sujeito indomável, não obedecia às regras gramaticais, não adaptava a sintaxe convencional”, conta ele.

A MOSTRA

Para apresentar a amplitude de sua obra intelectual e da produção que realizou com Tarsila e Pagu, além dos modernistas, a *Ocupação Oswald de Andrade* se estende por 190 metros quadrados, formada por quatro eixos delimitados por cores. No *Roxo*, o visitante é recebido por um texto de abertura. *Azul* acolhe a sua biografia, com fotografias e objetos pessoais originais, como uma cadeira e três esculturas; além de áudios em que ele recita a sua própria poesia, recortes jornalísticos, cadernos de memórias e vídeos com depoimentos do filho Rudá e da filha Marília e dos biógrafos Lira Neto e Maria Augusta Fonseca.

z

No ambiente *Verde* está a literatura, a política e o modernismo, entre manifestos e obras diversas, como as primeiras edições de seus livros, entre eles, *Pau Brasil*, de 1925. O espaço *Vermelho* acolhe a produção teatral, com a exibição, por exemplo, de um trecho do filme *O Rei da Vela* dirigido por José Celso Martinez Correa e Nilton Nunes, que estreou em 1983, com Esther Góes e Renato Borghi. Neste nicho tem, também, um vídeo com depoimentos de Zé Celso, Ítala, Borghi e Marília



Foto: Reprodução

de Andrade sobre a primeira montagem da peça de mesmo nome, em 1967.

Outros importantes destaques da mostra são as primeiras edições de livros como a de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, lançado em 1924; *Serafim Ponte Grande*, de 1933; e *Primeiras poesias*, de 1945. Ainda, o rascunho manuscrito do livro *Primeiro caderno do aluno de poesia* e sua primeira edição, pertencente ao Acervo Itaú. Há também a chamada *trilogia do exílio*, formada pelos romances *Os condenados* – dois volumes de 1922 –, *Estrela de absinto*, de 1927, e *A escada vermelha*, de 1934. Cartas que ele trocava, por exemplo, com Érico Veríssimo, Dalton Trevisan, Manuel Bandeira e Luís Carlos Prestes, completam a mostra.

A Itaú Cultural Play – plataforma de streaming gratuita e voltada para o cinema brasileiro – disponibiliza *O Rei da Vela* (1983), com direção de José Celso Martinez Correa e Noilton Nunes e com Esther Goés, Renato Borghi, José Wilker e Henriqueta Briebea, entre outros, no elenco. O filme é inspirado no texto oswaldiano da década de 1930, cuja adaptação para o palco, em

1967, foi um marco do teatro brasileiro – a narrativa fragmentada, irônica e agressiva desafiou os padrões morais e estéticos.

A Ocupação Oswald de Andrade também pode ser conhecida on-line, no site [itaucultural.org.br/ocupação](http://itaucultural.org.br/ocupacao), com conteúdo inédito, entre entrevistas exclusivas com a filha Marília, os biógrafos Lira Neto e Maria Augusta Fonseca, o ator Renato Borghi e a atriz Ítala Nandi, além de textos de referência sobre o autor. Para o público que visita a mostra, está disponível o jornal *O Oswald* focado na produção jornalística do escritor, em especial sua cobertura cultural.

SERVIÇO

Ocupação Oswald de Andrade

Até 23 de fevereiro de 2025

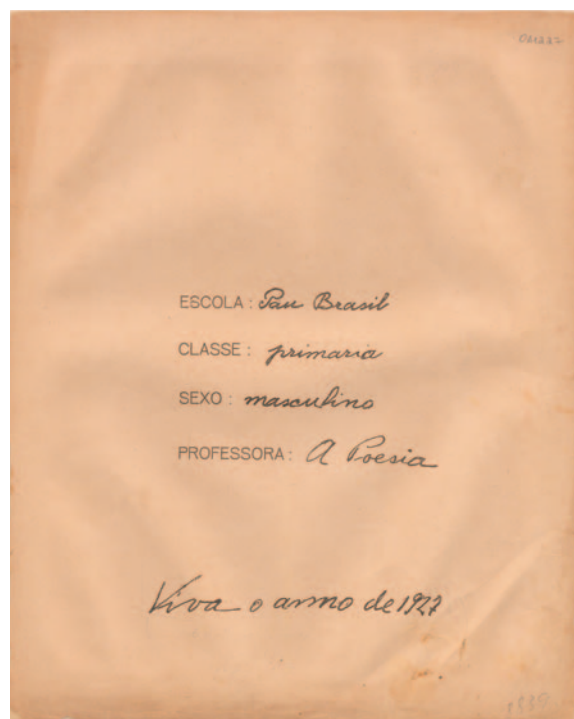
Itaú Cultural – Sala Multiuso – 2º piso

Av. Paulista, 1938, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a sábado, das 11h às 20h;

domingos, das 11h às 19h

Online: [itaucultural.org.br/ocupação](http://itaucultural.org.br/ocupacao)



Página 34
do livro
*Primeiro
caderno
do aluno
de poesia*
Foto: Acervo
CEDAE /
Unicamp



Da esquerda para a direita: Renato Livera em *Deserto* Foto: Renato Mangolin; Othon Bastos em *Não me entrego, não!* Foto: Beti Niemeyer

CENA CONTEMPORÂNEA 2024

Festival Internacional de Teatro de Brasília

*25ª edição do maior festival de artes cênicas da região central do Brasil
acontece de 5 a 17 de novembro*

Espetáculos internacionais inéditos no país, estreias nacionais e encenações premiadas compõem a programação 2024 do *Cena Contemporânea – Festival Internacional de Teatro de Brasília*. De 5 a 17 de novembro, o teatro, a dança e a música irão ocupar os palcos (e as ruas) da capital brasileira, com todo o vigor deste que é um dos cinco maiores festivais de artes cênicas do Brasil.

Ao longo de 13 dias, nos teatros do Espaço Cultural Renato Russo, Teatro dos Bancários, Centro Cultural da ADUnB, Cine Brasília, espaços urbanos e nos palcos das unidades do SESC em Taguatinga e Ceilândia, o público

poderá assistir a espetáculos, shows, filmes, num total de 20 atrações. E especialmente para os artistas as atividades formativas incluem oficinas, residência e os Encontros do *Cena*. Um grande painel da produção artística contemporânea, acompanhado de momentos de aprofundamento e reflexão.

O *Cena Contemporânea* tem direção geral de Guilherme Reis e o patrocínio oficial da Petrobras e do Ministério da Cultura, através do Programa Petrobras Cultural e da Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet).

MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE FUTURO

Como lidar com o apagamento de alguém, de um povo, de uma obra? Como evitá-lo? Como recuperar a história, afirmar identidades e construir pontes para o amanhã? Estas são questões que permeiam os espetáculos do evento, ao lado de reflexões sobre dramaturgia, literatura e autoficção.

A programação abre com *“Deserto”*, um profundo mergulho do dramaturgo e diretor Luiz Felipe Reis na obra do escritor chileno Roberto Bolaño. Além dos escritos do autor, a encenação discute o estado desértico do mundo hoje, vivendo uma crise civilizatória e climática. Paralelamente, o festival apresenta *“Future Lovers”*, da companhia espanhola *La Tristura*, que propõe a aproximação com a geração que herdou o planeta como está, um mundo hiper estimulado e tecnológico, e que nos oferece um olhar sobre as novas formas de relacionamento e de amor.

“No hay banda”, do autor e ator argentino Martín Flores Cardenas, é obra performática inclassificável, que indaga sobre a eternidade do teatro, tendo a história pessoal do artista como ponto de partida. Biografias também são o centro de *“Não me entrego, não!”*, monólogo em que Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, comemora seus 91 anos de idade e 70 de carreira, com dramaturgia e direção de Flávio Marinho; e *“A Escultura”*, no qual a coreógrafa, bailarina e atriz Yara De Cunto, de 85 anos e com deficiência visual, oferece um passeio por sua vida, a partir de dramaturgia e direção de Adriano Guimarães.



No hay banda

Foto: Lola Garca Garrido



A Escultura

Foto: Ismael Monticelli

A relação de diferentes criadores com suas mães e as diversas maneiras de elaboração do luto pela perda estão no foco de três encenações. *“Between me and you”*, do Canadá, mescla teatro e dança para apresentar uma conversa íntima, fluida, imaginária da coreógrafa e bailarina Heidi Strauss com sua mãe. *“Azira’i”*,



De cima para baixo:
Between me and you Foto: Jeremy Mimnagh
Azira'i Foto: Marcelo Rodolfo
Meu nome: mamãe Foto: Renato Mangolin

que rendeu à atriz indígena ZahyTentehar o Prêmio Shell de Melhor Atriz de 2024, aborda a relevância da ancestralidade, a partir da história de sua mãe, a primeira pajé mulher de seu povo, e comenta os processos de aculturação, sob a direção de Denise Stutz e Duda Rios. E *“Meu nome: mamãe”* é uma poética obra em que o ator Aury Porto aborda, com leveza e bom humor, o desaparecimento gradual de sua mãe, acometida pela doença do Alzheimer.

IDENTIDADE

Um recorte da história da rainha dos reinos de Ndongo e Matamba, situados na região atual de Angola, no século XVII, é tema do espetáculo *“Nzinga”*. Idealizado e dirigido por Aysha Nascimento, Bruno Garcia e Flávio Rodrigues, a encenação propõe uma imersão nos repertórios culturais das matrizes bantu. É também sobre a memória ancestral dos corpos pretos que trata *“Danúbio”*, novo espetáculo do dramaturgo e diretor Jonathan Andrade, que estreia no *Cena*.

De Manaus vem a estreia de *“Sebastião”*, novo e divertido trabalho do Coletivo 23 que traz o tema do preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+. A obra é uma resposta artística e bem-humorada da companhia a reações violentas suscitadas por um clipe em que bailarinos gays dançavam dentro de uma igreja.

Histórias reais também inspiram a narrativa de *“Me Escuta (No teatro)”*, espetáculo originalmente criado para espaços abertos e que faz sua estreia no palco durante o festival. Dirigido por Miriam Virna, a obra leva para a cena histórias verdadeiras coletadas nas ruas do Distrito Federal.

“Memória Matriz”, da Cia Lumiato, aborda a construção da identidade de gênero feminino, ao levar para a cena a relação entre mãe e filha, atravessada por histórias de família e legados geracionais. E em *“Júpiter e a Gaivota – É impossível viver sem o teatro”*, da companhia S.A.I., está uma leitura feminina, contemporânea e brasileira do clássico *“A Gaivota”*, de Tchecov, assinada por Ada Luana. A encenação faz sua estreia no Brasil durante o *Cena Contemporânea*, depois de participar do *The Alexandrin Sky International Theater Festival*, em São Petersburgo.

TEATRO DE RUA

Na Praça Central do Varjão será possível assistir a *“Umbigo do Infinito”*, do Coletivo Truvação. Escrita e dirigida por Yuri Fidelis, a peça apresenta a história de uma mulher que busca encontrar a cura para suas dores em um mundo em que não há humanos, apenas criaturas.



Umbigo do Infinito

Foto: Olaamiss

SHOW E EXIBIÇÕES CINEMATOGRAFICAS

Na segunda semana de festival, o Cine Brasília vai receber o Programa Cena Petrobras, com o show *“Paulo Miklos ao Vivo”* e a exibição de dois longas-metragens

em que o teatro dialoga com a linguagem cinematográfica, assinados por diretoras com origem nos palcos.

Dentre as exibições cinematográficas, a estreia no Brasil do filme *“Reas”*, documentário musical dirigido pela dramaturga argentina Lola Arias e ambientado em uma prisão feminina daquele país. E ainda *“O Diabo na Rua no Meio do Redemunho”*, adaptação da diretora brasileira Bia Lessa para o clássico *“Grande Sertão: Veredas”*, de Guimarães Rosa.

ATIVIDADES FORMATIVAS

Além dos espetáculos, o *Cena Contemporânea* programou uma série de eventos de formação, como a oficina *“O corpo do ator”*, a ser ministrada pelo artista argentino Martín Cárdenas Flores, e uma oficina de movimento com a coreógrafa e performer canadense Heidi Strauss. Também haverá uma residência com a atriz e diretora Giovana Soar, que vai dirigir a leitura dramática da obra *“No Canal à Esquerda”*, do autor Alex Van Warmerdam. Nas tardes de quarta-feira haverá os *Encontros do Cena*, um espaço para debater e aprofundar temas como ancestralidade, identidade, etarismo, sempre sob a luz da criação cênica.

SERVIÇO

Cena Contemporânea

Festival Internacional de Teatro de Brasília

De 5 a 17 de novembro

Locais: Espaço Cultural Renato Russo, Teatro dos Bancários, Centro Cultural da ADUnB, Cine Brasília, Teatro Sesc Paulo Autran de Taguatinga, Teatro Sesc Newton Rossi de Ceilândia

Dias/Horários: ver programação em <https://cenacontemporanea.com.br/2024/cena-2024/>

Ingressos para espetáculos em Brasília: R\$ 60,00 (inteira) e R\$ 30,00 (meia)

Entrada franca nas sessões em Taguatinga e Ceilândia

“SOMOS TODOS AMAZÔNIA”

*Pré-Bienal Amazônia acontece de 1º de novembro de 2024 a 31 de janeiro de 2025,
com eventos culturais em diversos espaços do Rio*



Obra de Dominika
Koczot e Greg
Hajdarowicz
Foto: Divulgação



Graças a realização do G20 no Brasil, as atividades pré-bienal *Somos Todos Amazônia* terão início no Rio de Janeiro, buscando conectar líderes, especialistas, artistas e cidadãos em uma profunda reflexão sobre os desafios ambientais atuais, utilizando a cultura como ferramenta de transformação social.

Organizada pelo Instituto Bienal Amazônia (IBA) e Saphira & Ventura, a pré-bienal apresentará uma série de atividades culturais e educativas sobre sustentabilidade e o futuro do planeta – em consonância com a reunião do RIO/G20 no Brasil. A programação na capital carioca acontece nos meses de novembro e dezembro deste ano e se estendem até 31 de janeiro de 2025.

“DIÁLOGOS PARA O PLANETA – CULTURA E CONSCIÊNCIA” é o tema central das reflexões propostas. As atividades, entre as quais, debates temáticos, lançamento de documentário e exposições de arte, design, arquitetura e tecnologia, contarão com a participação de artistas nacionais e internacionais.

A programação será realizada no Galpão Cultural da Marinha do Brasil em colaboração com o Espaço BB, Aldeya Life Park, Parque Glória Maria (Parque das Ruínas) e PUC-Rio – Casa de Inovação. Ao longo de 2025 a exposição será exibida em Brasília, São Paulo, Miami, New York, Cairo, Belém, Veneza e Paris.

A Pré-Bienal Amazônia, *“Somos todos Amazônia”*, por um Mundo Justo e um planeta Sustentável, tema do



De cima para baixo, obras de:
Arassari Pataxó e Giovanna Gomes
Fotos: Divulgação

G20, é um evento oficial paralelo, tendo como apoiadores o Galpão Cultural da Marinha, Espaço BB, Aldeya Life Park, YDUQs, Parque das Ruínas (Glória Maria), PUC-Rio, Rio G20, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Câmara do Comércio Brasileira em NY, New York International Contemporary Art Society, Tidelli.

O EVENTO NO RIO

Exposições, documentário com chefes de estado, palestras e meditações coletivas – de 1º de novembro de 2024 a 31 de janeiro de 2025.

Entre os temas a serem abordados, constam: os principais desafios de cada país em relação à justiça social, sustentabilidade e coerência coletiva; ações que estão sendo desenvolvidas para resolver ou melhorar essas questões; e como a consciência coletiva pode contribuir para resolver esses problemas

OCUPAÇÕES

Ocupação #1 | Exposição de Arte + Summit

De 1º de novembro a 31 de janeiro de 2025

Galpão Cultural da Marinha do Brasil, RJ

(Espaço BB e Saphira & Ventura)

Exposição de joias, design e moda

Ocupação #2 | Exposição de Arte + Summit

De 12 a 22 de novembro

Aerotrópolis no Aldeya Life Park na Ilha do Governador

Ocupação #3 | Exposição de Arte + Summit

De 12 a 20 de novembro

Parque Glória Maria (Parque das Ruínas)

Cerimônia de abertura com rituais e danças dos povos originários Pataxós e outras nações; intervenção de

moda sustentável, Grande Rede Internacional de Meditação com diversas personalidades, buscando a paz, justiça social e sustentabilidade. Experiência Imersiva.

Ocupação #4 | Exposição de Arte + Summit

De 4 a 22 de novembro

PUC-Rio – Casa de Inovação

Esculturas e instalações espalhadas pelo Campus

Conferências

13 de novembro – Encontro Inovação Social, Vozes da Transformação

20 de novembro – Metaverso - Museu Naval

16 de novembro – Celebração do dia da Amazônia Azul

17 de novembro – Meditação Coletiva Ecumênica pela Paz

DOCUMENTÁRIO

Em produção. Tem por objetivo registrar O momento histórico do G20 no Rio de Janeiro, destacar a urgência de soluções inovadoras para sustentabilidade e justiça social, celebrando a rica cultura local da cidade, a esperança e o espírito de colaboração, retratando líderes mundiais em plena ação.

Obra de Hijo Bam

Foto: Divulgação



Em novembro de 2025, Belém-PA, sediará a 1ª Bienal Amazônia, com a participação de cerca de 500 artistas nacionais e internacionais, tornando-se uma das maiores exposições visuais e educacionais do país.

O objetivo de realizar a 1ª edição Internacional Bienal Amazônia de Arte, Design, Arquitetura, Tecnologia e Sustentabilidade "*SOMOS TODOS AMAZÔNIA*", durante a COP 30, é buscar o alinhamento com as discussões e decisões sobre mudanças climáticas global e outras questões ambientais e sociais.

"*Somos Todos Amazônia*" é um evento global que visa promover a cultura brasileira, especialmente a indígena, a preservação ambiental do planeta e o desenvolvimento sustentável, buscando conscientizar sobre a importância dos cinco biomas, Floresta Amazônica, a Década do Oceano, e a importância do Cerrado como o berço das águas.

Além da projeção da arte brasileira e o engajamento com o empreendedorismo, a Bienal global tem o compromisso com o fortalecimento da economia local, geração de empregos e incentivo ao turismo na região.

INFORMAÇÕES

<https://bienalamazonia.org/canal-bienal>
institutobienalamazonia.org
saphiraventura.com

Na página ao lado:
obra de Bari Bing
Foto: Divulgação





Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

Foto: Divulgação

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.
ANUNCIE.
Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868